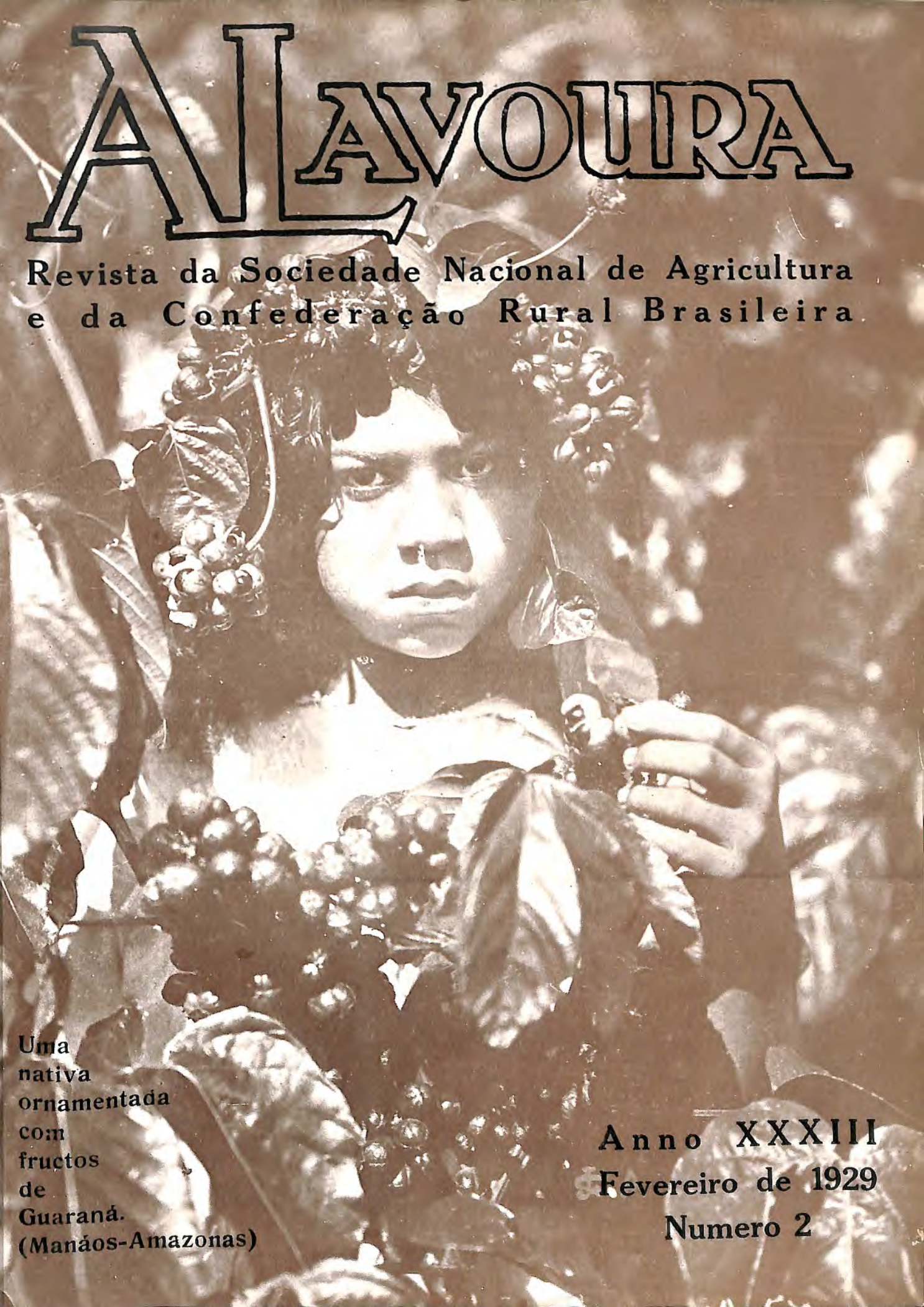


ALAVOURA



Revista da Sociedade Nacional de Agricultura
e da Confederação Rural Brasileira

Uma
nativa
ornamentada
com
fructos
de
Guaraná.
(Manáos-Amazonas)

Anno XXXIII
Fevereiro de 1929
Numero 2

Sociedade Nacional de Agricultura

FUNDADA EM 16 DE JANEIRO DE 1897 — RECONHECIDA, POR LEI, DE UTILIDADE PUBLICA

**Consagrada ao resurgimento da
agricultura nacional**

Biblioteca Economica

15.000 volumes de obras valiosas, sobre Agronomia, Veterinaria, Economia, Finanças, Industrias Agricolas, etc.

Museu Agrícola

Milhares de productos agricolas. Collecções completas de madeiras do paiz, fibras, cereaes, oleos, resinas, plantas medicinaes, etc.

Horto Fructicola da Penha

Estação Experimental, mantida pela Sociedade. Produção de mudas e sementes.

Aprendizado Agrícola Wenceslau Bello

Consagrado á formação de capatazes agricolas.

Serviço de Fornecimentos

Modelar organização para o fornecimento de plantas, sementes, insecticidas e material agrario, cirurgico e veterinario.

Serviço de Informações

Secção tecnica, dirigida pelo habil profissional Eng. Agronomo Thomaz Coelho Filho, lente de Agricultura Geral da Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinaria, para a solução de consultas dirigidas á Sociedade.

"A Lavoura"

Revista mensal da Sociedade N. de Agricultura distribuida gratuitamente aos socios quites.

ADMISSÃO DE SOCIO

Anuidade 40\$000

PARA OS NOVOS SOCIOS, ISEMPÇÃO DE JOIA

Rua 1.º Março, 15 - Rio de Janeiro - Brasil - C. Postal 1245
End. Teleg. Agricultura

VAN ERVEN & C.^A

Machinas e Materiaes para Industrias, Officinas e Lavoura

STOCK PERMANENTE DE:

Caldeiras — Motores a vapor, electricos e a gazolina — Bombas para todos os fins, manuaes e com polia — Engenhos de serrar — Correias de sola, pello camello e borracha. — Desnata-deira MELOTTE — Oleos e graxas. — Eixos de aço, mancaes, polias, etc. — Papelão e gaxetas para juntas de vapor e agua — Rebolos esmeril — Tarrachas.

Moinhos de vento "CHALLENGE" com mancaes de rollamento.

Arados de aiveca e de discos, fixos e reversiveis-Capinadeiras-Semeadeiras-Grades de discos, etc.

Agentes no Sul do Brasil

de George Fletcher & Co. fabricantes ingleses de machinas modernas para fabricação de assucar

Representantes

das Uzines de Braine-Le-Comte da Belgica, fundadas em 1853

(Material ferro viario, deposito para alcool, melado, agua, pontes metalicas e rollantes, etc.)

Fornecemos orçamento mediante consulta, mesmo sem compromisso de compra

PHONES : (Escriptorio—N. 2948
(Armazem—N. 6384

RUA THEOPHILO OTTONI, 131 - Telegr. ERVEN - Rio de Janeiro

Basta de experiencias!



NA PROPHYLAXIA DA
FAZENDA E NO TRATA-
MENTO DO GADO, SÓ
OBTIVE RESULTADOS
DE VERDADEIRA EF-
FICACIA COM A

CREOLINA

PEARSON

TORNANDO-SE ASSIM
A MAIS ECONOMICA

CURA BERNES
BICHEIRAS
DIARRHEA EM BEZERROS
FERIDAS
FEBRE APHTOSA

A PALAVRA "CREOLINA" É MARCA REGISTRADA

DIAS GARCIA & C.^{ia}

GRANDES IMPORTADORES DE

Ferro, Aço, Ferragens, Oleos, Tintas, Vernizes, Arame farpado e liso, Chapas galvanizadas, lisas e corrugadas, Folhas de Flandres, Soda caustica, Barrilha, Productos chimicos industriaes, Material para estradas de ferro, Canalisações de agua e gaz e artigos em geral para lavoura.

Agentes do dynamite nacional "Stygia" e "Nobel" allemão.

Depositarios: de cimento "Urca", sarnol "Triple", da correia balata "Dia" e do legitimo coalho "Estrella".

Rua Visconde de Inhaúma, 23 e 25

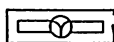
Deposito e Secção de Ferro

CAES DO PORTO

AV. VENEZUELA, 166/172 E

AVENIDA BARÃO DE TEFFÉ, 26/40

Teleph. 5230 e 2592 N.



End. Telegr. «GARCIA-RIO»

Escriptorio e Armazem

Telephone 4050 Norte

Caixa Postal 246

Rio de Janeiro

A

Sociedade Nacional de Agricultura,

fundada em 1897, e reconhecida, por lei, de utilidade publica, é orgam legitimo de defesa e de propulsão da Agricultura Brasileira. — Inscrevei vosso nome, lavradores, como socios desta instituição, aproveitando a temporaria isempção de joia.

Contribuição annual 40\$000

Rua 1.º de Março, 15 —::— Rio de Janeiro

BRASIL

Pereira Carneiro & C. Limitada

(Companhia Commercio e Navegação)

Endereço Teleg.: UNIDO

Caixa postal n. 482

SAL DE MACAU

Proprietaria das mais vastas e productoras salinas do Brasil—Deposito no Rio e S. Paulo

DIQUE LAHMEYER

Situado na Bahia do Rio de Janeiro. E' o maior dique da America do Sul, possuindo officinas apropriadas a todos e quaesquer concertos e reparos de vapores

Trapiche

Proprietaria dos vastos armazens para deposito de mercadorias, café, algodão, cereaes, etc.

«»

Avenida Rodrigues Alves
Ns. 161, 167 e 173



Frota actual:

16 vapores

para transporte de cargas entre Pará e Rio Grande do Sul.

Os mais rapidos e economicos serviços de transportes de cargas.

«»

Armazem N. 12

Para informações, dirijam-se á

Avenida Rio Branco, 110-112

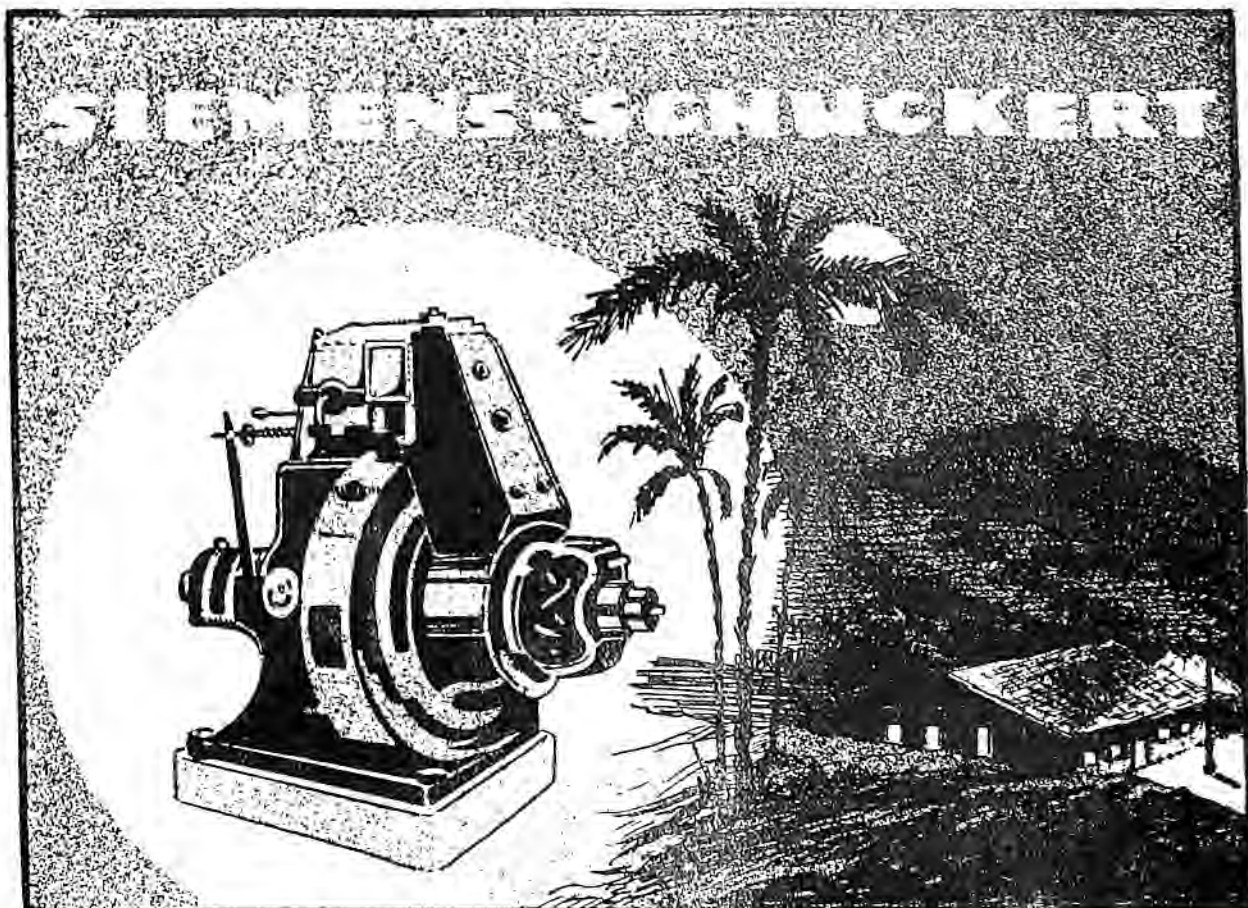
Rio de Janeiro

BANCO DO BRASIL E SUAS AGENCIAS

BALANÇO EM 28 DE FEVEREIRO DE 1929

DEBITO		CREDITO	
Thesouro Nacional, conta de antecipação da receita.....		Capital	100.000:00\$000
Letras descontadas	4.737.675\$46	Fundo de reserva	150.855:086\$426
Emprestimo em conta corrente	710.236:080\$737	Fundo de resgate do papel-moeda	388.695.110\$720
Letras a receber	357.612:733\$005	Menos:	
	45.622:983\$661	Importancia entregue á Caixa de Amortização para ser inchenerada	271.828:980\$000
Efeitos a receber de conta alheia:		Emissão em circulação	592.000:00\$000
Do exterior	21.318:162\$900	Depositos:	
Do interior	365.903:232\$456	Em contas correntes com juros	601.973:215\$771
Valores em liquidação	5.351:006\$390	Em contas correntes limitadas	140.764:029\$738
Valores caucionados	615.056:448\$149	Em contas correntes sem juros	507.133:720\$551
Valores depositados	440.924:870\$196	Em contas a prazo fixo	178.629:279\$299
Idem, pelo fundo de beneficencia dos funcionarios	2.416:300\$000	Em contas de compensação de cheques	33.324:373\$559
Agencias e filiaes no interior	463.343:755\$303	Titulos em caução e em deposito	1.055.981:318\$645
Correspondentes no exterior	331.185:887\$564	Titulos depositados pelo fundo de beneficencia dos funcionarios	2.616:800\$000
Correspondentes no interior	7.486:406\$204	Agencias e filiaes no interior	420.518:818\$025
Titulos e fundos pertencentes ao Banco	75.085:338\$285	Correspondentes no exterior	153.779:420\$031
Liquidação do Banco da Republica do Brasil	21:244\$895	Correspondentes no interior	3.262:543\$163
Immoveis	17.336:181\$827	Depositantes de efeitos para cobrança	868.620:659\$899
Moveis e utensilios	74\$000	Bonus e dividendos	1.477:350\$870
Cobrança nos Estados	476.399:064\$543	Diversas contas	30.890:050\$049
Diversas contas	16.836:643\$882		4.953.192:796\$746
Ouro em deposito na Caixa de Amortização:			
£ 10.000.025-11-0 a 8 d.	300.000.766\$510		
Titulos ouro depositados no exterior:			
£ 2.595.030-0-0 nominaes, pela ultima cotação, £ 1.757.863-6-8 a 8 d.	52.735:900\$000		
Caixa, em moeda corrente	643.321:340\$493		
	4.953.192:796\$746		

A Luz na Fazenda



Grupos electrogeneos com motor a explosão de 3 cavallos

Funcionamento

facil

seguro

economico

Grande stock em material electrico em geral e machinas para industria e lavoura.

Companhia Brasileira de Electricidade

Siemens - Schuckert S. A.

Rio de Janeiro	São Paulo	Bello Horizonte	Porto Alegre	Bahia	Pernambuco
Caixa 630	Caixa 1375	Caixa 162	Caixa 413	Caixa 402	Caixa 154

a l b a

officinas graphicas
compoz e imprimiu esta revista

60
la vradio



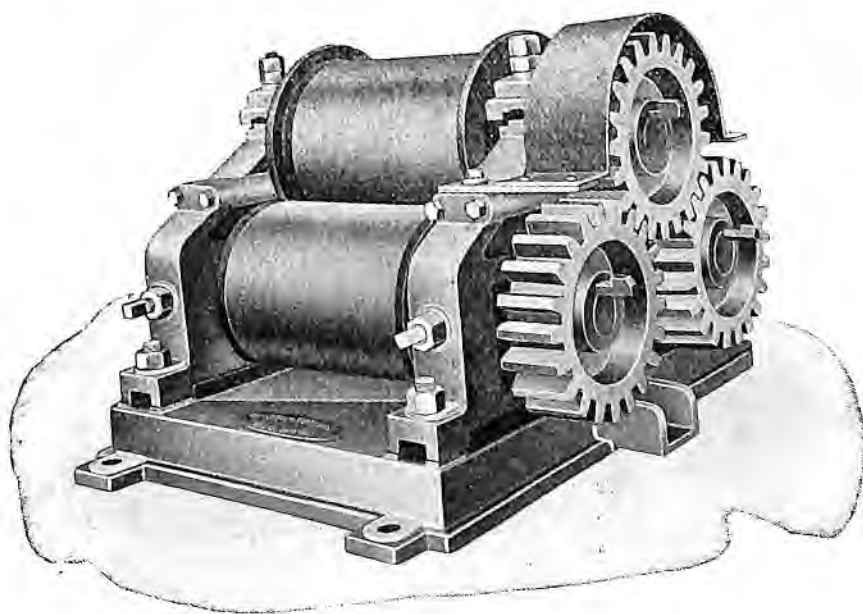
teleph.: 3359 central

r i o d e j a n e i r o

STOLTZ

ENGENHO DE CANNA COM TRES ROLOS HORIZONTAES

à força motriz para prompta entrega



Para mais informações com

HERM. STOLTZ & Co.

RIO DE JANEIRO

AVENIDA RIO BRANCO, 66/74

2.º andar ~ Sec. Technica

TEL. NORTE 6121-Ramal 14 ~ Caixa Postal 200

Snr. Fazendeiro

Se precisardes de uma
DESNATADEIRA
exigi que vos forneçam a

ALFA-LAVAL



ROSE

As unicas que em pouco tempo
compensarão os seus custos.

—000—

UMA DESNATADEIRA BARATA
E' SEMPRE INFERIOR, E ISSO RE-
PRESENTA A VOSSA RUINA.

—0—

Escrevei-nos hoje mesmo que pela
volta do correio vos enviaremos:
PREÇOS, CATALOGOS, PLANTAS
E ORÇAMENTOS.

—0—

Temos sempre em stock Desnatadeiras de
40 á 500 litros, Peças sobresalentes, Ba-
tedeiras, Salgadeiras, Latas sem junta,
Balões, etc.

HOPKINS, CAUSER & HOPKINS

RUA MUNICIPAL N. 22

— RIO DE JANEIRO —

ou

S. João d'El-Rey — E. DE MINAS

A LAVOURA

Revista mensal da Sociedade Na-
cional de Agricultura.

Assignatura annual... 20\$000

Numero avulso..... 2\$000

Os socios quites receberão
gratuitamente A LAVOURA

Redacção e administracção:

Rua 1.º de Março, 15

Rio de Janeiro

Telephone 1416 Norte

Caixa Postal, 1245

End. Electr. AGRICULTURA

Avellar & Cia.

Premiados com medalha de ouro na Expo-
sição de São Luiz de 1904 e Internacional
do Rio de Janeiro de 1922.
Casa Fundada em 1868

Commissões, Consignações
e Conta Propria.

Café, algodão, xarque e cereaes

Armazem e Escritorio:

RUA DA QUITANDA N. 195

Armazem autorizado pelo
Estado do Rio de Janeiro

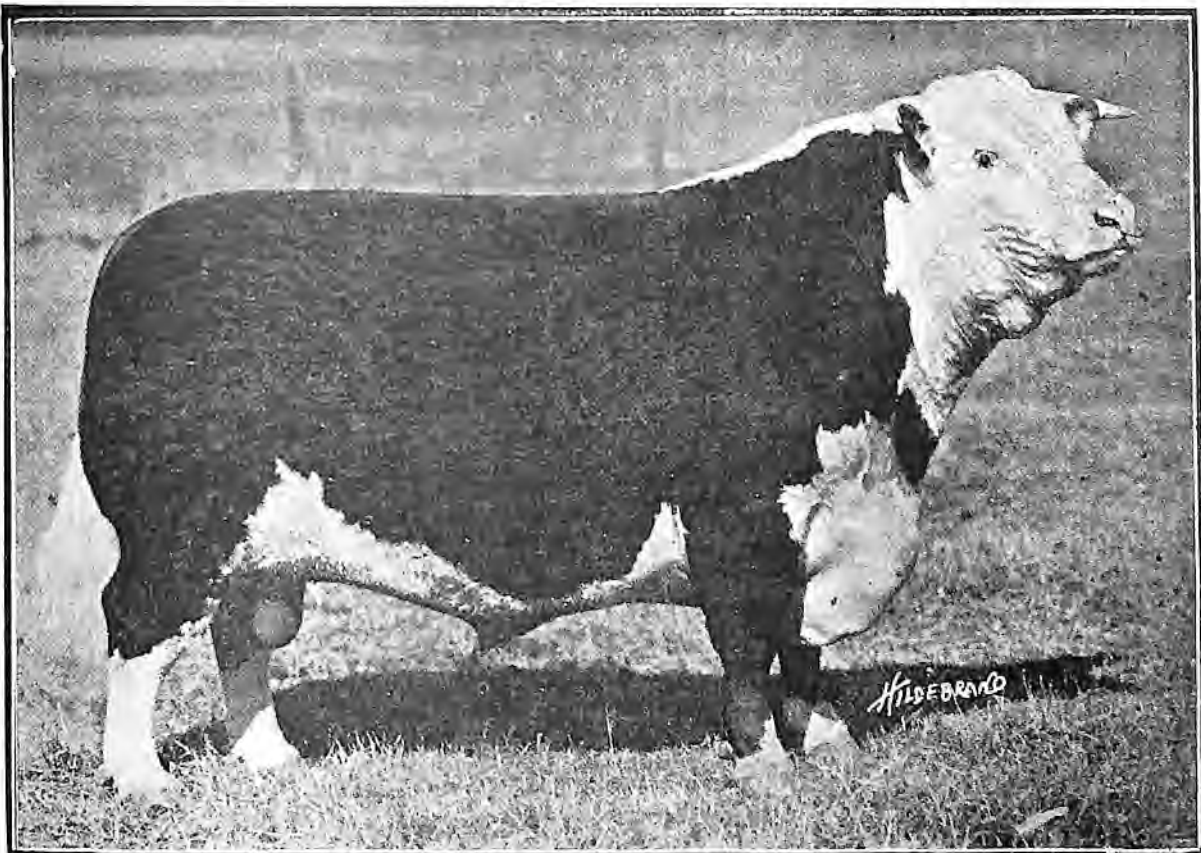
Rua Barão S. Felix N. 120

Codigos: «RIBEIRO» e «PARTICULARES»

End. Tel. «AVELLAR» — Caixa Postal 811

Telephone N. 2438

RIO DE JANEIRO



Bonnie Junior — Grande Campeão Hereford Americano, 1919

CRIADORES : PROTEJAM E VALORISEM O GADO!

Cruzol

**Desinfectante
Insecticida
Desodorante**

Este novo e excellent product, dez vezes mais poderoso do que o acido phenico, ausente de qualquer acção caustica ou venenosa, de applicação facil e economica, extermina completamente **BICHEIRAS, BERNES, SARNAS, PIOLHOS**, e demais parasitas do gado, permittindo o seu desenvolvimento normal, augmento de peso, das faculdades leiteiras e valorisação do couro. Cura as feridas e evita as infecções.

Superior a qualquer producto importado e por metade do preço

Fabricado pela
SOCIÉTÉ ANONYME DU GAZ
RIO DE JANEIRO

Distribuido por
CASTRO LOPES & TEBYRIÇÁ
Rio de Janeiro — S. Paulo

Sociedade Nacional de Agricultura

COMMISSÕES TECHNICAS

1ª *Commissão*: — Geologia e Mineralogia agricolas. Agrológia, Carvão, Petroleo, Combustiveis mineraes e derivados — Aduhos mineraes naturais — Machinas applicaveis á extracção e beneficiamento desses productos. — *Membros*: — Ernesto da Fonseca Costa, João Fulgencio d. Lima Mindello, Thomas Coelho Filho, William Wilson Coelho de Souza.

2ª *Commissão*: — Meteorologia e Climatologia agricolas. — *Membros*: — Francisco de Souza, Joaquim Sam-paio Ferraz, Raul Pires Xavier.

3ª *Commissão*: — Drenagem e Irrigação — Poços tubulares, Açudes e forças hydraulicas — Lavoura da região secca. — *Membros*: — André Gustavo Paulo d. Antin, Geminiano Gomes Guimarães, Otavio Barbosa Carneiro, Raul Pires Xavier, Thomas Cavalcanti de Gus-mão.

4ª *Commissão*: — Machinas agricolas. Motocultura — Electricidade applicada á agricultura — Concursos de machinas agricolas. — *Membros*: — Arthur Torres Filho Carlos Duarte, Eurico Dias Martins, Geminiano Gomes Guimarães.

5ª *Commissão*: — Adubos de origem animal e vegetal — Fabricação e consumo. — *Membros*: — Albano Issler, Franklin de Almeida e Mario Saraiva.

6ª *Commissão*: — Sementes — Introacção e acoli-mação de plantas. Concursos de sementes — Genetica vegetal. — *Membros*: — Arthur Torres Filho, Arsene Puttemans, Americo de Miranda Ludolph e Thomaz Coelho Filho.

7ª *Commissão*: — Leguminosas, Cereaes, Raizes e tuberculos alimentares. — *Membros*: — Arthur Torres Filho, Carlos Leite, Luiz de Oliveira Mendes, Plinio Cavalcanti.

8ª *Commissão*: — Plantas industriaes, Assucar, fumo, cacau, borracha, matte. — *Membros*: — Antonio de Arruda Camara, Filogonio Peixoto e Otavio Carneiro.

9ª *Commissão*: — Plantas textis. Algodão, linho e fi-bras em geral — Cellulose. Fabrico do papel. — *Membros*: — Alcides Franco, Francisco Alves Costa, Paulo de Moraes Barros.

10ª *Commissão*: — Café. — *Membros*: — Augusto Ramos, Antonio Garcia Paula, João Baptista de Castro.

11ª *Commissão*: — Plantas oleaginosas. Oleos, gorduras, ceras, resinas e derivados. — *Membros*: — Alcides Franco, Joaquim Bertino de Moraes Carvalho, Tra-jano de Medeiros.

12ª *Commissão*: — Fructicultura e Horticultura. Conservação e embalagem de seus productos. — *Membros*: — João Vieira de Oliveira, Horacio Barreto, Humberto Bruno, Roberto Moutinho dos Reis e Sylvio Ferreira Rangel.

13ª *Commissão*: — Sylvicultura. Florestação e re-florestação. Exploração das madeiras. Essencias para arborização. — *Membros*: — Antonio Pacheco Leão, Francisco de Assis Iglesias, Luiz de Oliveira Mendes, Octavio Silveira de Mello.

14ª *Commissão*: — Defesa sanitaria vegetal — Patho-logia vegetal. Entomologia agricola — Combate á formiga — *Membros*: — Angelo Moreira da Costa Lima, Annibal Revault de Figueiredo, Antonio Magarinos Torres, Eugenio Rangel.

15ª *Commissão*: — Avicultura — Apicultura — Sericul-tura — Piscicultura. — *Membros*: — Alvaro Pereira de Carvalho, Feliciano de Moraes, Henrique Silva, João Mar-cellino, Julio Cesar Lutterbach e Marcos Inglez de Souza.

16ª *Commissão*: — Zootechnia geral e especial. Ali-mentação dos animais domesticos — Genetica animal. — *Membros*: — J. F. de Assis Brasil, João Leopoldo Mo-reira da Rocha, Landulpho Alves, Mario Telles da Silva, e Victor Leivas.

17ª *Commissão*: — Animales para sella e tracção. Remonta. — *Membros*: — General J. de Assis Brasil, Ge-raldo Rocha, Gustavo Dutra, Marsillac Motta.

18ª *Commissão*: — Carnes e derivados. industrias con-nexas. — *Membros*: — Franklin de Almeida, Geraldo Ro-cha, Joaquim Luiz Osorio.

19ª *Commissão*: — Leite e derivados, industrias con-nexas. — *Membros*: — Aleixo de Vasconcellos, José Monteiro Ribeiro Junqueira, Jorge de S. Earp, Raul Leite.

20ª *Commissão*: — Defesa sanitaria animal — Me-dicina Veterinaria. — *Membros*: — Alvaro Osorio de Al-meida, Americo de Souza Braga, Moacyr Alves de Souza, Paulo Parreiras Horta.

21ª *Commissão*: — Vias de comunicação — Trans-portes. Taxas e tarifas. Defesa economica da producção. Assumptos geraes ligados á agricultura. — *Membros*: — Gustavo Lebon Regis, Othon Leonar dos, Otavio Barbosa Carneiro.

22ª *Commissão*: — Colonização e imigração. — *Membros*: — Paschoal Villaboim, Paulo de Moraes Barros, Nestor Ascoli, Rogaciano Pires Teixeira.

23ª *Commissão*: — Legislação rural.Codigo rural, Cooperativas, syndicates e associações. Trabalho agrico-la. — *Membros*: — Chrysanto de Brito, Euzebio de Queiroz Lima, Graccho Cardoso, Leopoldo Teixeira Leite.

24ª *Commissão*: — Estatistica e contabilidade agri-colas. Credito agricola. — *Membros*: — Antonio de Arruda Camara, Carlos Raulino, José Luiz Sayão de Bulhões Car-valho, Léo de Affonseca.

25ª *Commissão*: — Ensino agronomico e technico-profissional. Experimentação agronomica. — *Membros*: — Alvaro Pereira de Carvalho, Fidelis Reis, Ildefonso Simões Lopes, Thomaz Coelho Filho.

26ª *Commissão*: — Congresso. Exposições. Feiras. Museus. Propaganda. — *Membros*: — Benedicto Raymundo da Silva, Hannibal Porto, Lauro Sodrê, Waldemar Pinna.

27ª *Commissão*: — Hygiene rural — Construcções rú-raes. — *Membros*: — Augusto Bernacchi, Francisco Dias Martins, Julio E. da Silva Araujo, Thomaz Cavalcanti de Gusmão.

28ª *Commissão*: — Conferencias e comunicações sci-entificas. — *Membros*: — Heitor Beltrão, João Fulgencio de Lima Mindello, Thomaz Coelho Filho.

Sumário



P Y R A Y A U R A R Á (C U R R A L)

PELA AMAZONIA E PELO BRASIL

O CUSTO DA PRODUÇÃO DE CAFÉ
EM SÃO PAULO

Exposição do Consul *J. C. Muniz*, no
no Instituto de Café

A PISCICULTURA NA AMAZONIA

MORTOS ILLUSTRES

HISTORIA NATURAL BRASILEIRA

Palestras do *Professor Benedicto Raymundo
da Silva*

O COMMERCIO EXTERIOR DO BRASIL

ARCHIVO TECNICO DE INFORMAÇÕES
DA SOCIEDADE NACIONAL
DE AGRICULTURA

(FEVEREIRO DE 1929)

QUEM QUER ESTACAS DE CAPIM
ELEPHANTE ?

SOCIEDADE NACIONAL DE
AGRICULTURA

(FEVEREIRO DE 1929)

SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

FUNDADA EM 16 DE JANEIRO DE 1897

RECONHECIDA DE UTILIDADE PUBLICA POR LEI

Presidente perpetuo—Dr. Miguel Calhoun du Pin e Almeida

Presidente honorario — Dr. Geminiano Lyra Castro

DIRECTORIA GERAL

Presidente — Ildefonso Simões Lopes

1.º Vice-Presidente — Fidelis Reis

2.º Vice-Presidente — Augusto Ferreira Ramos

3.º Vice-Presidente — Vago

1.º Secretario — Joaquim Luiz Osorio

2.º Secretario — Vago

3.º Secretario — Othon Leonardos

4.º Secretario — Francisco de Assis Iglezias

1.º Thesoureiro — Julio Eduardo da Silva Araujo

2.º Thesoureiro — Carlos Raulino

Secretario Geral — Heitor da Nobrega Beltrão

DIRECTORIA TECHNICA

Alcides Franco

Aleixo de Vasconcellos

Alvaro Osorio de Almeida

Angelo Moreira da Costa Lima

Arthur Torres Filho

Franklyn de Almeida

João Fulgencio de Lima Mindello

Mario Saraiva

Paulo Parreiras Horta

Victor Leivas

CONSELHO SUPERIOR

Affonso Vizeu

Alberto Maranhão

Amancio Marcillac Motta

André Gustavo Paulo de Frontin

Antonio de Arruda Camara

Antonio Pacheco Leão

Antonio Francisco Margarinos Torres

Benedicto Raymundo da Silva

Carlos Duarte

Ernesto da Fonseca Costa

Eugenio dos Santos Rangel

Eurico Dias Martins

Filogonio Peixoto

Francisco Dias Martins

Francisco Leite Alves Costa

Geraldo Rocha

Gustavo Lebon Regis

Hannibal Porto

Henrique Silva

João Baptista de Castro

João Mangabeira

José Mattoso Sampaio Corrêa

José Monteiro Ribeiro Junqueira

Juvenal Lamartine de Faria

Julio Cesar Lutterbach

Joaquim Bertino de Moraes Carvalho

Joaquim Sampaio Ferraz

Lauro Sodré

Leopoldo Teixeira Leite

Luiz Corrêa de Britto

Octavio Barbosa Carneiro

Paschoal Vilaboim

Paulo de Moraes Barros

Raul Pires Xavier

Rogaciano Pires Teixeira

Sylvio Ferreira Rangel

William Wilson Coelho de Souza

O L a v o u r a

Revista Mensal da Sociedade Nacional de Agricultura
e da Confederação Rural Brasileira

Anno XXXIII

FEVEREIRO
DE 1929

Numero 2

Pela Amazonia e pelo Brasil

UM fremito acaba de percorrer, de sacudir toda a Amazonia, cuja apathia, ou, melhor, cujo lethargo, do ponto de vista economico, é uma resultante fatal dos disturbios apresentados pela maior industria regional — a extracção e coagulação do “latex” que a “hevea brasiliensis” elabora.

E’ que, em meio ao marasmo, á desolação geral, uma voz se ergueu para suggerir directrizes novas aos governos e aos particulares, quanto á defesa inadiavel de um patrimonio florestal positivamente em risco de extincção absoluta. E extincção dizemos porque a tanto equivaleria privar-se o patrimonio referido de sua primitiva significação economica.

O memorial que, da autoria do jovem e talentoso publicista Cosme Ferreira Filho, figura de relevo nos circulos sociaes e intellectuaes de Manaos, foi lido, ao mesmo tempo, no seio das Associações Commerciaes das tres circumscripções do extremo-norte — Pará, Amazonas e Acre —, causando profunda impressão, despertando, de mistura, novos alarmes e novas esperanças, possúe, preliminarmente, a expressão de um protéstimo contra o desanimo a que estão, afinal, succumbindo, exhaustos de tanta lucta inglória e improficua, os honrados e operosos brasileiros de que se constitue a grande maioria da população naquella tão malsinada, tão desconhecida parte do paiz. E’, pois, como prova de idealismo e de bravura que elle, ao primeiro exame, impressiona. Nada mais humano que o abatimento de quem, ha tanto tempo, procura resistir, sem alheio auxilio, ás crueis determinações de um destino ineluctavel. São genuinos milagres de tenacidade e de fé que dão um sentido heroico á existencia das duas admiraveis raças cuja sorte se vinculou á do valle amazonico: os caboclos antochtones e os nordestinos transplantados. Succedem-se decennios a decennios, e as condições de vida não melho-

ram ali. A despeito disso, a obstinação no trabalho prosegue, converte-se mesmo em teimosia enternecedora, transforma-se em qualquer coisa de automatico, melancolica e sinistra. Mas ninguém se illuda com taes apparencias. Guardam no intimo todas as almas o germen de novos enthusiasmos. D’ahi meditações como essa de que o senhor Cosme Ferreira recentemente emergiu, trazendo todo um plano de reacção racional contra a ruina progressiva da industria gommeira. D’ahi a attenção com que toda a gente da planicie acolheu esse trabalho, e a anciedade com que se empenha em pôr á prova as respectivas conclusões.

Seria um indicio desanimador em relação á unidade economica, á unidade moral de nosso povo, que as idéas assim agitadas não repercutissem por toda a extensão do territorio patrio, notadamente na Capital da Republica, onde se deve presumir que esteja o “sensorium” da nacionalidade. Toda a nossa imprensa diaria, sem distincção de matizes politicos, se occupou do acontecimento, e O PAIZ, sempre solícito em attender aos assumptos de interesse para a expansão industrial da nossa terra, reservou espaço em suas melhores columnas para a integral publicação dessa verdadeira monographia. Oxalá signifique tal facto uma definitiva metamorphose da mentalidade brasileira, susceptivel, d’ora em diante, de se interessar pelos problemas vitales de qualquer unidade federativa, por mais longinqua e ignorada que seja. Mas, ainda quando assim não succeda, servirá o movimento de curiosidade que o alludido memorial provocou, de consolo, senão, até, de estímulo, aos nossos bons compatriotas, cuja pertinacia e cuja combatividade constituem uma preciosa demonstração das mais nobres qualidades da raça, feita permanentemente, consoante convém, nas visinhanças de uma enorme extensão da orla fronteiriça.

Bate-se Cosme Ferreira Filho por uma politica economica decididamente orientada pelo pensamento de se intensificar a exploração dos seringaes nativos da Amazonia, na imminencia de serem abandonados totalmente, não só devido á depreciação da seringa, como á confiança que passou a inspirar o plantio da "hevea", praticado de accôrdo com as licções dos inglezes e dos holandezes no extremo-orient.

Não é de hoje que notaveis perscrutadores do problema amazonico preconizam o cultivo dessa especie vegetal como fórmula de se offerecer a dito problema solução satisfactoria. E o supremo argumento, a que se apoia tal doutrina, é uma realidade que só ignora quem nunca percorreu, em pensamento pelo menos, a Mesopotamia brasileira — a extrema disseminação dos specimens da "hevea" dentro das formidaveis florestas que cobrem a "hyloea" famosa.

Poderia Cosme Ferreira, seguindo o exemplo de tantos outros estudiosos do assumpto, condemnar esse cultivo, affirmando que é um absurdo consumir-se dinheiro, esbanjarem-se esforços, para se obter, sob o aspecto penoso e caro de industria agricola, aquillo que a industria extractiva nos offerece. E não lhe seria defeso ir mais longe, tentando provar, com o testemunho de alguns pesquisadores, que a seringueira plantada nunca produz tanto, nem tão bom "latex", quanto a seringueira silvestre.

Equilibrado, porém, e consciencioso, fugiu ao perigo de asseverações peremptorias num dominio cujas brumas a experimentação ainda não dissipou por inteiro. Pensa elle que as duas industrias pôdem e devem, seja qual fôr o final resultado do respectivo confronto, desenvolver-se, progredir, triumphar, lado a lado. Não se confôrma, entretanto — e esse é o nucleo de sua monographia — com a tendência, cada vez mais generalizada, para se evacuem os seringaes nativos, os immensos parques naturaes onde os pés de "hevea" existem mais ou menos numerosos.

Agita o publicista — e era inevitavel que o fizesse, attento o ponto de vista em que se collocou — uma velha questão: a da superioridade do "latex" que purga a seringueira agreste, relativamente á de plantio, e do que se colhe, extrahindo apenas ou depois de plantar, na planicie amazonica, "habitat" natural da especie, ao que pôde obter-se em outras latitudes, onde a "hevea" se tenha aclimado. E' esse o ponto do trabalho em que mais largo flanco se

expõe a interminaveis controversias. Mas dependerá de uma forte convicção a respeito a orientação dos responsaveis, ali, pelos destinos collectivos? E, uma vez que ninguem ousou, já-mais, avançar que seja inferior a seringa do valle á produzida alhures, mediante cultivo, não nos parece que essa questão, um tanto byzantina, já, interesse ao julgamento das idéas em apreço.

Sustenta o monographista — e, nesse particular, ninguem poderá d'elle divergir — que uma industrialização systematica e intensiva da gomma colhida nas florestas amazonicas, destinada a abastecer o Brasil, as Republicas sul-americanas, possivelmente mesmo todo o continente, dos diversos artefactos de borracha, notadamente aquelles que o automobilismo, em vertiginosa progressão, devora, constituiria, não só a remoção das vicissitudes com que vem lutando o septentrião brasileiro, como a criação de uma consideravel riqueza, capaz de influir benéficamente na economia de todo o nosso paiz.

E quaes os primeiros passos a ensaiarem-se nessa direcção?

Preliminarmente, a nacionalização do problema que, não obstante affectar a toda a nação, á propria defesa nacional, pelo guarneimento civil de grande parte das nossas fronteiras, o qual d'elle depende, se conserva, até hoje, exclusivamente regional. Vae nessa premissa uma ironia, uma revolta, um protesto que todos merecemos, e aos quaes sómente uma attenuante pode oppôr-se: a de certas nesgas do paiz não estarem praticamente integradas no todo, por effeito da propria vastidão do nosso territorio.

A seguir, a internacionalização do mencionado problema, por meio de uma "entente" indispensavel entre o Brasil e as varias Republicas latino-americanas que, tendo seus "fundos de quintal" no valle do Amazonas, trazem a gomma elastica incluída no rol de seus valores exportaveis, produzem hoje quantidade apreciavel de borracha e pôdem produzir muito mais. E, como encaminhamento dessa approximação logica e fecunda, uma conferencia internacional que se realizaria nesta cidade.

Este, em synthese, o alvitre do brilhante publicista — alvitre cuja exequibilidade nada nos impede de verificar, e que, no caso de resistir á rude prova da experiencia, seria para a Amazonia uma verdadeira redempção, e para o Brasil inteiro um factor notavel de engrandecimento e de progresso.

O custo de produção do café em São Paulo

A exposição do Consul J. C. Muniz, no Instituto de Café



A "Lavoura" publica hoje, com particular satisfação, a brilhante conferencia pronunciada, no Instituto do Café, pelo illustre Consul Brasileiro em Chicago, Dr. João Carlos Muniz, acerca do Custo de produção do Café em São Paulo. E' um magnifico estudo que interessa sobremaneira aos nossos leitores e que o operoso e culto consul patricio consagrou ás associações agricolas do próspero Estado.

«Em virtude de um honroso convite que me dirigiu s. exc. o sr. dr. Mario Rolim Telles, venho de visitar as zonas caféiras do Estado de São Paulo, cabendo-me, agora, apresentar ás associações agricolas do Estado uma rapida synthese de minhas observações, principalmente no que diz respeito ao custo de produção de café, assumpto que constituiu o objectivo principal de meus estudos.

Sirvam as minhas primeiras palavras para testemunhar a minha gratidão para com s. exc. o sr. dr. Julio Prestes, presidente do Estado, e seus dignos secretarios, drs. Rolim Telles e Fernando Costa, pelas facilidades postas á minha disposição por s.s. excs., sem as quaes não me teria sido possível, em tão breve tempo, fazer um balanço economico da agricultura caféira de S. Paulo que, por si só, envolve tantos, e tão complexos problemas. De enorme valia para o meu emprehendimento foi o contacto que tive, na capital, com as tres associações agricolas paulistas, que me rodearam de atenções, prestando-me as informações ao seu alcance e procurando, em tudo, facilitar o exito da minha missão.

Devo agradecer a collaboração, devotada e intelligente, do agronomo dr. Rogerio de Camargo, especialista consumado e nome já feito na administração do Estado, que ficou intimamente associado aos resultados deste trabalho.

Muito devo tambem ao sr. Carlos Ralston Barbosa, distincto technico commercial de café, que me orientou na parte propriamente commercial.

O custo de produção das utilidades preoccupa, hoje, a atenção dos governos e dos economicistas, e a sua determinação é de grande utilidade na escolha da orientação economica que mais convém aos diversos paizes. Em se tratando do café, a determinação do custo de pro-

dução assume, aqui, ainda maior relevancia, pois usufruimos um quasi monopolio na produção deste artigo, cuja distribuição ao consumo mundial se faz sob o nosso controle. A preservação dessa hegemonia depende, principalmente, da capacidade que evidenciarmos na industrialização da cultura caféira, isto é, da nossa capacidade para produzir muito e abaixo do custo. Si um dia viermos a perder o predomínio na produção do café, o factor economico que mais concorrerá para isto será a elevação do custo da produção entre nós, deslocando a produção para outras regiões do mundo que offereçam isothermo favoravel á planta rubiacea. Devemos, portanto, ter sempre em vista este custo, computado, rigorosamente, e em periodos regulares, para delle deduzirmos as medidas que se tornem necessarias em pról da nossa maior riqueza e, tambem, como justificação, perante os centros consumidores, da nossa politica economica.

Antes de entrarmos na analyse da tentativa que emprehendi com relação ao custo de produção do café, seria conveniente fixar alguns.

FACTOS ECONOMICOS

de maior significação attinentes á agricultura caféira de S. Paulo.

O café é uma velha cultura em S. Paulo. O poeta inglez Robert Southey já mencionava, em 1808, grandes plantações de café em São Sebastião, donde mais tarde se espalhára por todo o valle do Parahyba. Desse facto decorre a longa especialização da gente paulista no cultivo da planta, um dos factores indiscutíveis do predomínio que o Brasil exerce na produção da rubiacea.

A grande expansão da lavoura caféira paulista foi uma resultante das condições economico-financeiras existentes nos primórdios do regimen

republicano: o fomento á immigração e á inflação monetaria.

Em 1889-1890, como mostra o economista, dr. Paulo Pestana, a lavoura caféeira paulista passou de 220.000.000 de caféeiros, produzindo 10.600.000 arrobas, para 525.600.000 arrobas, produzindo 35.700.000 arrobas. E em 1927 havia em S. Paulo 43.525 propriedades caféieras, numa área cultivada de 1.633.313 hectares com 1.047.496.350 caféeiros, que produziram nesse anno 39.506.100 arrobas. No mesmo, havia em S. Paulo, 136.750.000 caféeiros novos, ainda não produzindo.

A lavoura caféeira de S. Paulo, na sua quasi totalidade, ainda está na

NA PHASE EXTENSIVA

A abundancia de terras virgens, que o prolongamento das estradas de ferro foi tornando accessiveis, determinou a emigração dos trabalhadores e do capital para as zonas novas, á medida que a productividade das terras cultivadas foi declinando, sem quasi nenhum esforço exercido pelo homem no sentido de restaurar os elementos de fertilidade de que carece o solo. Essa migração deu-se, principalmente, na direcção da Estrada de ferro Noroeste e do valle do Paranapanema. Tal modalidade de exploração agricola, a que os economistas dão o nome da predatoria, é commum a todos os paizes economicamente novos.

Nos Estados Unidos observou-se o mesmo phenomeno com relação ás terras ferteis do valle do Mississippi e do Oeste e a passagem da exploração extensiva ali para a intensiva, coincidiu com a transferencia da propriedade da terra do pioneiro para o immigrante vindo da Europa, o allemão e o scandinavo.

A fazenda de café representa bem o typo da grande propriedade. É um estabelecimento geralmente extenso, incluindo cafezaes, pastagens e florestas. As bemfeitorias, constantes do terreno, casas de machinar, usinas de beneficiamento, tulhas e residencias para os trabalhadores, requerem capital avultado, cerca de 250.000\$, para uma fazenda contendo 500.000 caféeiros.

As exigencias de mão de obra não são menores. Calcula-se o numero de trabalhadores que requer uma fazenda de café em 1 para cada 2.000 caféeiros. Além dos colonos encarregados do trato do cafezal e da colheita, uma fazenda de proporções regulares necessita um certo numero de trabalhadores ou camaradas avulsos,

preenchendo mistéres diversos, terreiros, machinistas, «chauffeurs», carroceiros, vaqueiros, etc.

O CUSTO DE FORMAÇÃO

de uma fazenda de café em São Paulo, em consequencia do valor inflacionavel da terra, que se verifica actualmente e do preço elevado da mão de obra, determinado pela exploração das zonas distantes, encareceu sensivelmente. Na área percorrida pela Estrada de Ferro Noroeste, onde se formam, presentemente, os grandes cafezaes, computei as despesas com a formação de uma lavoura em 5\$700 por pé.

O preço das terras proprias para a lavoura caféeira, ali, medeia entre 800\$000 a 2:000\$, por alqueire. Si tomarmos o preço mais baixo de 800\$000 por alqueire, (2,42 hectares), e plantando-se 700 caféeiros em 1 hectare, teremos que o preço de formação de 1.000 caféeiros, será o seguinte:

Preço da terra — — — — —	471\$800
Trato e formação até o 4.º anno (2\$000 por pé) — — — — —	2:000\$000
Roraa, derrubada e plantio (\$500 por pé) — — — — —	500\$000
Casas para empreiteiros e camaradas (um grupo para cada 10.000 pés — 6:000\$000) — — — — —	600\$000
Bemfeitorias (\$500 por pé) — — — — —	500\$000
	4:071\$800
Juros de 10 % ao anno, durante 4 annos — — — — —	1:628\$720
Total — — — — —	5:700\$520

O consideravel investimento de capital, que representa a formação de uma lavoura caféeira, além de não trazer compensação ao fazendeiro, sinão depois do quinto anno, está sujeito a sérios riscos (temperatura baixa, geadas e broca). As geadas succedem-se periodicamente, tendo a ultima, de 1918, causado serios danos aos cafezaes de S. Paulo. A broca, que já invadiu grande parte da zona velha do Estado, vem sendo um factor ponderavel de encarecimento do custo de produção.

A DIVISÃO DA LAVOURA CAFÉ'EIRA

de S. Paulo em tres zonas: — antiga, média e moderna. A zona antiga abrange cerca de 600.000.000 de caféeiros acima de 35 annos;

a média contém 300.000.000; e a nova, . . . 100.000.000.

O avultado numero de caféeiros em decadencia, na zona antiga, explica a diminuição crescente do rendimento médio dos cafezaes do Estado. Em 1900-1901 o rendimento médio do Estado foi de 67,9 arrobas por 1.000 pés. Nesse anno, 525.625.000 caféeiros produziram . . . 35.734.000 arrobas. Em 1926-27, os caféeiros do Estado, em numero de 1.047.496.350, não produziram mais de 39.506.100 arrobas, ou sejam 37,7 arrobas, por 1.000 pés. A média das médias por quinquennio denuncia a mesma diminuição de productividade. No quinquennio de 1912-14 a 1917-18, a média das médias foi 55,6; no quinquennio seguinte, que precedeu a gada de 1918, isto é, 1913-14 a 1917-18 a média foi de 57,3. Em 1918-19 a 1922-23, a média desceu a 34,5. Cotejando os annos de grande safra, que se observam periodicamente sob influencia das manchas solares, segundo uma hypothese scientifica, vê-se que em 1906-07 . . . 610.000.000 de caféeiros produziram uma safra de 15.392.000 saccos, ao passo que a grande safra de 1927-28 não attingiu a mais de . . . 17.000.000, quando o numero de caféeiros era, então, de mais de 1.000.000.000.

II

O CUSTO DE PRODUÇÃO

Entre os factores economicos que concorrem para condicionar a offerta das utilidades, creando escassez, cita-se o «custo de produção». De um modo geral, o custo de produção significa as despesas feitas pelo productor para produzir e collocar no mercado um determinado artigo. Os economistas consideram 5 grupos de «custos», que entram no custo de produção; *custo de mão de obra*, *custo de materias*, inclusive transporte; *custo de administração*; e, finalmente, o *custo de juros*. Segundo a opinião de alguns, os juros não devem fazer parte do custo, a me-

nos que se trate de um capital emprestado. O consenso geral entre os economistas, entretanto, é favoravel á inclusão dos juros no custo da produção em qualquer caso, seja de capital proprio ou de capital emprestado. A menos que o capital receba uma compensação apropriada, não é de se esperar que elle permaneça invertido na exploração. Si o preço de uma determinada utilidade não fôr sufficiente para compensar todos os custos, inclusive os juros do capital, dar-se-á infallivelmente, um reajustamento nessa exploração, de maneira a fazer com que o preço cubra todos os custos.

No ensaio a que procedi para determinar o custo de produção do café no Estado de São Paulo, foram tomados em consideração esses cinco grupos de custos. Como em materia de exploração agricola os custos são variaveis, devido, principalmente, a não ser o sólo egualmente fertil em todas as regiões, procurei determinar 3 typos de custos: o custo que predomina na zona antiga, onde as condições são mais desfavoraveis por effeito da diminuição da productividade e que se poderia chamar, guardando certa relatividade, custo maximo; o custo que prevalece na zona intermedia, ou custo medio, e, finalmente, o custo que caracteriza a zona nova, onde o sólo é rico em humos, e o rendimento abundante e que se poderia qualificar de custo minimo.

Convém notar que esses qualificativos «maximo», «medio» e «minimo» não devem ser interpretados estritamente.

Haverá lavouras no Estado de S. Paulo, em que as despesas com a produção ainda estejam acima do custo maximo ou abaixo do minimo, tomados como padrão, neste estudo.

Na impossibilidade de ampliar o presente inquerito a todos os municipios do Estado, o que seria o melhor meio de se obter uma determinação exacta do custo do producto no Estado, tomei como base 3 typos de estabelecimentos nas tres zonas do Estado, antiga, intermedia e

Neurasthenia, Debilidade Genital
ESGOTAMENTO NERVOSO

Associação de extracto testicular, estrycena e glicero-phosphato de sodio. • • 3 injeções por semana ou diariamente.

LABORATORIO CLINICO **SILVA ARAUJO**

Carlos da Silva Araujo & Cia.

Marca Registrada

ENERGIL



nova, que me pareceram mais representativos de cada uma dessas zonas.

O custo de produção está intimamente ligado ao rendimento. Empregando-se a mesma quantidade de trabalho e de capital na exploração de tres tractos, rendendo 75,55 e 37 arrobas, respectivamente, o custo de produção cresce na razão inversa do rendimento. O rendimento das fazendas tomadas como padrão, neste ensaio, é de 37,55 e 70 arrobas por 1.000 caféeiros, cifras que, mais ou menos, coincidem com a productividade media de cada uma das zonas.

O investimento de capital nessas propriedades foi computado em 4\$000, 5\$000 e 6\$000 por caféeiro para as zonas antigas, media nova, respectivamente. Considerando-se a capitalização exaggerada da lavoura caféeira de São Paulo, no momento actual, essas bases são razoaveis. Já mostrei como preço de formação de uma fazenda na zona nova, fica em 5\$700 por caféeiro, apesar de serem tomados os mais baixos preços pela terra e mão de obra. Os preços de vendas actuaes para as fazendas regulares, estão muito acima dessas bases.

Na determinação do custo foram computadas reservas para a *replantação* e para *depreciação de machinas de bemfeitorias*. A reserva para a replantação foi calculada em 3 % sobre o numero dos caféeiros existentes, suppondo-se que a renovação do cafetal se faça nessa porcentagem nas zonas antiga e media. Para a zona nova, a reserva para a replantação foi calculada em 2 %. No computo de depreciação das machinas e bemfeitorias, a porcentagem tomada foi de 3 % tendo em vista a depreciação lenta das referidas machinas de bemfeitorias.

ZONA ANTIGA:

FAZENDA «A»

410.000 caféeiros. Média annual de produção, 37 arrobas por mil pés. Idade do cafetal, 30, 40 e 60 annos. Custo de produção de 37 arrobas de café beneficiado (1.000 pés).

PRIMEIRA PARTE

MÃO DE OBRA

a) Tratamento — — — — —	300\$000
b) Colheita (3\$000 por arroba) —	111\$000
c) Transporte para o territorio (180 réis por arroba) — — —	6\$660

d) Secca (360 réis por arroba) —	13\$320
e) Beneficio (200 réis por arroba)	7\$400
f) Jornalheiros (5 homens para os primeiros cem mil pés e 3 para cada série de cem mil pés que excederem a 6\$000 por dia, cada um, trabalhando 26 dias ao mez) — — — — —	62\$520
g) Póda e desbrota (52 réis por pé) — — — — —	52\$000
h) Catação da bróca e repasse (160 réis por pé) — — — —	160\$000
	712\$900

SEGUNDA PARTE:

MATERIAES

a) Saccaria (saccos para café beneficiado e para colheita) — —	34\$309
b) Ferramenta, etc., etc. — — —	15\$000
c) Adubos e adubação (250 réis por pé cada 4 annos) — — —	62\$500
	101\$809

TERCEIRA PARTE:

OUTROS CUSTOS

a) Administração (administrador e ajudantes) — — — — —	40\$975
b) Transporte para a estação (300 réis por arroba) — — — — —	11\$100
c) Taxa ouro (4\$600 por sacco) — —	42\$550
d) Imposto municipal (2\$000 por mil pés) — — — — —	2\$000
e) Fréte para Santos (600 réis por arroba) — — — — —	22\$200
f) Comissão do commissario (3 por cento sobre 40\$000) — —	44\$400
g) Carreto e eneaque (800 réis por arroba) — — — — —	29\$600
h) Reserva para a renovação do cafetal ou replantação (500 réis por muda e tres (3) % da replanta annual, ou seja a replantação total do cafetal, em 33,3 annos) — — — — —	15\$000
i) Depreciação das machinas e bemfeitorias (3 por cento sobre o valor das machinas e bemfeitorias, calculado á razão de \$500 por pé) — — — — —	15\$000

CUSTO DA PRODUÇÃO DE 37 ARROBAS DE CAFÉ SEM JUROS — — — — —	1:040\$534	e) Benefício (400 réis por arroba)	22\$000
CUSTO DE PRODUÇÃO DE UMA ARROBA DE CAFÉ, SEM JUROS — — — — —	28\$122	f) Jornalheiros (5 homens para cada cem mil pés, e 3 homens para cada série de cem mil pés excedentes) — — — — —	68\$640
CUSTEIO PROPRIAMENTE DITO — — — — —	386\$784	g) Póda e desbrota (50 réis por pé) — — — — —	60\$000
CUSTO DE PRODUÇÃO DE DEZ KILOS DE CAFÉ, SEM JUROS — — — — —	18\$740		782\$640

SEGUNDA PARTE

MATERIAES

CAPITAL INVERTIDO NA PROPRIEDADE, INCLUINDO TERRAS, CAFEZAS, MACHINAS E BEMFEITÓRIAS, CALCULADO EM 4\$000 POR PÉ:		a) Saccaria (saccos para café beneficiado e para colheita) — —	36\$135
a) Juros sobre o capital invertido (10 %) — — — — —	100\$000	b) Ferramenta — — — — —	12\$000
b) Juros sobre o capital empregado no custeio (12 %) em 16 meses) até a venda do café em Santos — — — — —	141\$885	c) Adubos (40 réis por pé em cada 4 annos) — — — — —	100\$000
			148\$135

TERCEIRA PARTE

OUTROS CUSTOS

CUSTO TOTAL DA PRODUÇÃO DE 37 ARROBAS DE CAFÉ, INCLUINDO JUROS — — — — —	1:582\$419	a) Administração (10:200\$000 por anno) — — — — —	37\$000
CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO DE UMA ARROBA DE CAFÉ, INCLUINDO JUROS — — — — —	42\$768	b) Transporte á estação (200 réis por arroba) — — — — —	11\$000
CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO DE DEZ KILOS DE CAFÉ, INCLUINDO JUROS — — — — —	28\$510	c) Taxa ouro (4\$600 por sacco) — — — — —	63\$250
		d) Imposto municipal (2\$000 por mil pés) — — — — —	2\$000
		e) Frete para Santos (10\$000 por sacco) — — — — —	137\$500
		f) Comissão do commissario (3 por cento sobre 40\$000) — — — — —	66\$000
			316\$750

ZONA INTERMEDIARIA:

FAZENDA «B»

270.000 caféeiros. Media annual de produção 55 arrobas por mil pés. Edade do cafetal 30 e 40 annos. Custo de produção de 55 arrobas de café beneficiado por mil réis.

PRIMEIRA PARTE

MÃO DE OBRA

a) Tratamento — — — — —	500\$000
b) Colheita (1\$920 por arroba) — — — — —	105\$600
c) Transporte ao terreiro (160 réis por arroba) — — — — —	8\$800
d) Secca (320 réis por arroba) — — — — —	17\$600

g) Carreto e ensaque (300 réis por arroba) — — — — —	44\$000
h) Reserva para renovação do cafetal ou replantação (500 réis por muda replantada ou 3 por cento de replantação annual com a replantação total do cafetal em 33,3 annos) — — — — —	15\$000
i) Depreciação das machinas e bemfeitorias (3 por cento sobre o valor das machinas e bemfeitorias calculadas á razão de 500 réis por pé) — — — — —	15\$000
	74\$000

CUSTO DA PRODUÇÃO DE 55 ARROBAS DE CAFÉ, SEM JUROS — — — — —	1:311\$525
CUSTO DA PRODUÇÃO DE UMA ARROBA DE CAFÉ, SEM JUROS — — — — —	23\$846
CUSTO DA PRODUÇÃO DE DEZ KILOS DE CAFÉ, SEM JUROS — — — — —	15\$890
CUSTEIO PROPRIAMENTE DITO (985 réis por pé) — — — —	985\$775

QUARTA PARTE

CAPITAL INVERTIDO NA PROPRIEDADE, INCLUINDO TERRAS, CAFESAES, MACHINAS E BEMFEITORIAS CALCULADO EM 5\$000 POR PE':

a) Juros sobre o capital invertido (10 por cento) — — — — —	500\$000
b) Juros sobre o capital empregado no custeio (12 por cento ao mez durante 16 mezes até a venda do café em Santos) — — — — —	157\$724
CUSTO DA PRODUÇÃO DE 55 ARROBAS DE CAFÉ, INCLUINDO JUROS — — — — —	35\$804
CUSTO DA PRODUÇÃO DE DEZ KILOS DE CAFÉ, INCLUINDO JUROS — — — — —	23\$860

ZONA NOVA:

FAZENDA «C»

470.000 caféeiros. Média annual de produção 70 arrobas por mil pés. Edade do cafetal 4,15 e 20 annos. Custo de produção de 70 arrobas de café beneficiado (MIL PE'S).

PRIMEIRA PARTE

MÃO DE OBRA

a) Tratamento — — — — —	550\$000
b) Colheita (2\$560 por arroba) — — — — —	179\$200
c) Transporte ao terreiro (240 réis por arroba) — — — — —	16\$800
d) Secca (115 réis por arroba) — — — — —	8\$050
e) Beneficio (133 réis por arroba) — — — — —	9\$310
f) Jornaleiros (5 homens para os primeiros cem mil pés e 3 homens para cada série de cem mil pés excedentes) — — — — —	61\$648
	875\$088

SEGUNDA PARTE

MATERIAL

a) Saccaria (saccos para colheita e para o café beneficiado) — — — — —	45\$900
b) Ferramenta, cal, arame, etc. — — — — —	17\$710
c) Adubos (300 réis por pé em cada 4 annos) — — — — —	7\$5000
	138\$700

TERCEIRA PARTE

OUTROS CUSTOS

a) Administração (inclusive salario do administrador, guarda livros, fiscaes e gratificação á administração) — — — — —	66\$400
b) Transporte para a estação (200 réis por arroba) — — — — —	14\$000
c) Taxa ouro (4\$600 por sacco) — — — — —	80\$500
d) Frete para Santos (2\$400 por arroba) — — — — —	160\$000
e) Comissão de commissario (3 % sobre 40\$000) — — — — —	168\$000
f) Carreto e ensaque (800 réis por arroba) — — — — —	56\$000
g) Imposto municipal (2\$000 por mil pés) — — — — —	2\$000
h) Reserva para a renovação do cafetal ou replantação (\$500 por muda replantada, e 2 % de replanta annual ou seja a replantação total do cafetal em 50 annos) — — — — —	10\$000
i) Depreciação das machinas e bemfeitorias (3 % sobre o valor das machinas e bemfeitorias calculado á razão de \$500 por pé) — — — — —	15\$000

495\$900

CUSTO E PRODUÇÃO DE 70 ARROBAS DE CAFÉ SEM JUROS — — — — —

1:509\$608

CUSTO DE PRODUÇÃO DE UMA ARROBA DE CAFÉ SEM JUROS — — — — —

21\$565

CUSTO DE PRODUÇÃO DE DEZ KILOS DE CAFÉ SEM JUROS — — — — —

14\$370

CUSTEIO PROPRIAMENTE DITO (1\$107 por pé) — — — — —

1:107\$408

CAPITAL INVERTIDO NA PROPRIEDADE INCLUINDO TER-

RAS, CAFESAES, MACHINAS
E BEMFEITORIAS, CALCULA-
DA EM 6\$000 por pé:

a) Juros sobre o capital investi- do (100 %) — — — — —	600\$000
b) Juros sobre o capital emprega- do no custeio (12 % ao mez durante 16 mezes até a venda do café em Santos) — — — —	177\$127
CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO DE 70 ARROBAS DE CAFÉ INCLUINDO JUROS — — — — —	2:286\$735
CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO DE UMA ARROBA DE CAFÉ INCLUINDO JUROS — — — — —	32\$667
CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO DE DEZ KILOS DE CAFÉ IN- CLUINDO JUROS — — — — —	21\$770

CONCLUSÃO

Do exposto verifica-se que o custo de produção de uma arroba de café na zona antiga é de 42\$768, na zona intermediaria de 35\$804, e na zona nova de 32\$667. Esse custo é bastante elevado, principalmente tendo-se em mente as bases razoaveis tomadas para a capitalização e a taxa modica de juros computada.

Da analyse das cifras podem-se deprender os factores que estão encarecendo o custo da produção em São Paulo. Esses factores são os seguintes: Na zona antiga, a diminuição crescente do rendimento, proveniente dos methodos primitivos de cultura, da falta de adubação em grande escala, e da bróca, que veio encarecer o custo da mão de obra, exigindo a operação paciente de repasse e de catação. Na zona nova, o encarecimento do custo é também apreciavel. A mão de obra, ali, é muito mais elevada do que na zona antiga, devido á população esparsa e grande procura de trabalhadores por parte das lavouras novas. Nota-se que, na zona nova, o custo da mão de obra é bastante mais elevado do que na velha, onde a população é mais concentrada e a proximidade dos grandes centros populosos offerecem trabalhadores, recebendo salarios mais baixos. O custo de transporte é naturalmente muito mais elevado na zona nova, situada a grandes distancias.

Assim é que a exploração das terras virgens da Noroeste e do Norte do Paraná, si de um lado veio trazer maiores rendimentos, diminuindo o custo total de produção, de outro lado provocou o encarecimento da mão de obra, resultante da disseminação da população e o en-

carecimento do transporte, fazendo com que a diminuição do custo total não seja tão apreciavel.

O deslocamento da lavoura cafeeira na direcção das terras virgens foi um phenomeno que não poderia ser evitado, que se deu em todos os paizes e que fatalmente, teria de se dar entre nós, na primeira phase da exploração agricola. Esse facto veio dar uma enorme extensão á lavoura cafeeira, que nada ganhou entretanto em intensividade. Provocou o abandono de grandes plantações e enfraqueceu sobremodo a exploração das lavouras velhas, já formadas e com grande capital invertido, em bemfeitorias, machinas, etc. Trouxe um augmento geral dos salarios e dificuldades de obtenção de trabalhadores. A inflacção, que já se começa a notar nos preços das terras na zona nova e o encarecimento da mão de obra, irão actuando, com o tempo, no sentido de provocar uma cultura mais intensiva nas zonas velha e intermediaria, onde as fazendas irão aos poucos se subdividindo em pequenas propriedades, exploradas pelos proprietarios, por processos mais economicos e obtendo rendimentos maiores.

Concluindo:

A cultura cafeeira de São Paulo, com seus 600.000.000 de cafeeiros em franco declinio, já atravessa a ultima phase de exploração intensiva.

Os exemplos de outros povos apontam-nos o caminho a seguir: ou intensificarmos essa cultura, lançando mão do que a pratica e a ciencia nos possam suggerir ou então veremos decrescer constantemente, até o seu desaparecimento, essa riqueza que tem sido o monopolio do Brasil.

Em S. Paulo, terra e clima combinaram para favorecer a produção do café. Essa produção, feita extensivamente, durante meio seculo, fez a grandeza economica de S. Paulo e do Brasil. Durante esse periodo de tempo, muito pouco foi feito no sentido de manter a fertilidade da terra, obtendo della maiores rendimentos. A adubação e a pratica de processos agricolas mais adeantados apenas se esboçam.

Vê-se, portanto, que o cafeeiro é uma planta rustica em extremo, e que remunera abundantemente os menores cuidados culturaes. Em Campinas, em companhia do dr. Rogerio de Camargo, mostrou-me esse distincto technico, cafezaes de cem annos, que com rudimentares cuidados culturaes ainda offerecem rendimento compensador.

Tendo em vista as conclusões a que chegou a Secretaria da Agricultura, em sua se-

ção de café, e que já formam um programma de acção em via de execução no Estado, pôde-se dizer que o problema da intensificação da cultura caféeira em S. Paulo poderá ser solucionado sob a seguinte orientação: 1.º — Humificar o solo; 2.º — Reter as aguas das chuvas; 3.º — Adoptar methodos mais racionais de trato e de colheita; 4.º — Melhorar o preparo do artigo. O enleiramento permanente, tão preconizado hoje por todo o Estado, pelo que pude observar, parece resumir grande parte dos cuidados culturaes de que mais necessita a planta: facilita a humificação do solo, retém as aguas e prepara o caminho para a colheita natural, que virá melhorar a qualidade commercial do producto.

Cuidar adequadamente do caféeiro para augmentar-lhe o rendimento e tratar melhor o producto para produzir qualidades, eis, em resumo, o problema que devemos enfrentar corajosamente».

(O orador é vivamente applaudido).

FALA O DR. ROLIM TELLES

Em seguida, o dr. Mario Rolim Telles encerrando a reunião, em breve mas eloquente ora-

ção, disse que como os presentes acabavam de ouvir pela exposição do dr. J. C. Muniz, os preços actuaes do café estão em relação com o custo da produção.

O mercado de café desde maio vem soffrendo ataques por parte de elementos baixistas, que procuram obter lucros, especulando nas bolsas estrangeiras. Nessa faina não hesitam em lançar mão de recursos desleaes, telegraphando noticias falsas, ora dizendo que o Instituto, carregando «stocks», seria obrigado a vendel-os por baixos preços, ora que o Instituto teria verificado, permittir o custo da produção a venda do café por preços mais baixos. Tudo falso. A situação estatística, continua s. exc., do consumo, da produção do Brasil e dos outros países, os recursos de que está dotada a defesa do café não temem essas manobras, feitas por jogadores só com intuitos de especulação.

A defesa — concluiu s. exc., por entre prolongados applausos — assegura ao commercio legitimo e ao productor, perfeita tranquillidade.

As palavras do dr. Rolim Telles produziram agradável impressão, recebendo s. exc. muitos cumprimentos.

A Lavouira,

revista mensal da Sociedade Nacional de Agricultura, distribuida gratuitamente pelos socios dessa Instituição, é lida em todo o paiz, por milhares de interessados.

Annunciar em **A Lavouira** é ter previa e segura garantia da mais ampla divulgação; e dispende o minimo, certo do maximo de compensação.

A Piscicultura na Amazonia

Seria falso dizer-se que a pesca está por ser industrialmente organizada na bacia do rio Amazonas. Egualmente erroneo seria sustentar que essa organização não se resinta de grandes defeitos e lacunas.

Com effeito, desde que o extremo-norte começou a povoar-se, foi principalmente nas aguas do "mar dulce" que os desbravadores da região procuraram o seu alimento. Data, consequentemente, dessa época remotissima, a formação ali, de uma industria da pesca, industria cujo desenvolvimento se acelerou muito, devido á circumstancia bem conhecida de terem sido descuradas, durante largo periodo, as outras fontes possíveis de elementos para a nutrição — a lavoura e a pecuaria. E tão saborosos, tão sadios eram os recursos, nesse particular, do formidável e generoso rio, comparados aos generos pobres de vitaminas, senão deteriorados, que se importavam para sustento dos seringueiros, quando a borracha merecia o cognome de ouro negro, que, mesmo na phase mais prospera da industria gommeira, não se abandonaram os viveiros de tartarugas e de peixes. Apenas é de rigor a distincção que, a tal respeito, estabelece Raymundo Moraes, o consagrado autor de "Na Planície Amazonica", entre os cabeclos naturaes do valle e seus hospedes, os nordestinos, que o flagello das secas tangia, em levas tumultuosas, para o noroeste. Enquanto os "refirantes", os "brabos", os cearenses, em sum-

Sua necessaria organização industrial



ma — que assim passavam a designar-se todos os originarios do nordes e — se absorviam na extracção do "latex", anciosos por se fazerem ricos para regressarem, o mais depressa possível, ao inolvidavel rineão, os

ridades da fauna fluvial, e de uma habilidade sem par, de uma agilidade inexcedivel para perseguil-a onde quer que estivesse, ou nas aguas remansosas dos lagos, ou nas, inquietas, dos igarapés e dos rios.

Decadente o commercio da gomma elastica, em virtude da super-produção da Asia; reduzida ao minimo a importação de xarque e outros comestiveis em conserva, forçoso foi que toda a população da Amazonia tratasse



LAGO LO PYRAYOARA AMAZONAS — RESULTADO DE UMA PESCA FELIZ

amazonenses permaneciam fieis aos habitos do tempo antigo, e abasteciam das varias especies de pescado os barracões dos seringues.

Avulta, dessarte, no scenario amazonico, a funçáo do "mariscador", assombrosamente conhecedor de todas as particula-

de obter ali mesmo, invocando a prodigalidade proverbial d'aquella natureza, os meios de subsistencia. Começou-se, então, a plantar e a criar, não mais se diferenciando, nesse ponto, os advenas dos aborigenes. E' nesse phenomeno que se baseiam certos estudiosos da crise eco-



LAGO DO AYAPUÁ, AMAZONAS — BENEFICIAMENTO DA PIRARUCÚ

nomia regional, para dizer, como o disse o dr. J. F. de Araújo Lima, em conferencia realizada seis annos atraz, no salão da Sociedade Nacional de Agricultura, que essa crise, influindo tão profundamente na alimentação dos habitantes da planície, produziu, imprevista e paradoxalmente, os mais auspiciosos effeitos, do ponto de vista sanitario. Mas a criação e a agricultura não determinaram o abandono da pesca, sendo, ainda, de notar que esta, por influencia da mesma situação economica, se intensificou sensivelmente, de modo a poder não sómente contribuir para a nutrição dos seringueiros e restantes extractores, como figurar, de fôrma definitiva e relevante, no quadro dos valores exportaveis, compensando em parte, na economia da região, a sangria causada pela depreciação da borraça.

Tem vindo, pois, a incrementar-se cada vez mais a industria da pesca, em todo o valle do Amazonas, e tanto que, dada a circumstancia de não haver sido

a mesma regulamentada, já se receia, como fundamento em factos de observação ao alcance de todos, a desappareição de algumas especies, a extrema raridade de muitas. O que se notou a principio em relação unicamente ás tartarugas, já se estende, em certos pontos, ao pirarucu' e ao peixe-boi. Atacados em todos os periodos do anno, assim como

em todos os lugares para onde os levam successivamente as peculiaridades e os caprichos do regimen das aguas, acossados até mesmo na época e nos sitios em que se lhes processa a reprodução, objectos de uma perseguição sem treguas, tendem esses preciosos exemplares da fauna do rio-rei a desapparecer, e desapparecerão fatalmente, si o actual estado de coisas persistir.

Não é, por consequencia, de pesca, e sim de piscicultura que devem falar quantos quizerem enxergar, nesses dominios, uma fonte de riqueza capaz de concorrer para a expansão economica e para o integral progresso do septentrião brasileiro.

A industria que lá se creou tendo por base os admiraveis, os enormes viveiros constituídos pelos differentes cursos d'agua, precisa organizar-se em moldes progressistas. Como, porém, essa organização acarretaria inevitavelmente maiores perigos para a conservação de taes viveiros, imprescindivel se nos afi-



LAGO PYRAYOARA, AMAZONAS — PEIXE BOI RECEM-NASCIDO

gura que ella envolva planos efficientes de regulamentação da pesca.

Relativamente á tartaruga, de certo porque sua raridade de anno para anno se accentua, disseminando justos alarmes, algo já se está fazendo, com resultados, ao que nos informam, apreciáveis. Ora, prova isso que, não obstante a vastidão territorial da Amazonia, do camp. onde a fiscalização deve exercer-se, as medidas que o problema reclama são menos impraticáveis do que, ao primeiro exame poderiam parecer.

Em trabalho que a Sociedade Amazonense de Agricultura publicou em seu Boletim de 30 de Novembro proximo findo, o dr. Anísio Jobim, illustre magistrado amazonense e paciente analysa das questões regionaes, fez, a respeito do peixe-boi, os seguintes reparos, judiciosos e opportunos:

"Sente-se, todavia, que já vae diminuindo, em consequencia do desperdício e da devastação que tem soffrido por parte de mariscadores inconscientes.

Todos os annos nota-se a escassez progressiva do peixe."

Quanto ao pirarucu', escreve o mesmo publicista:

"Si persistirem os abusos, a que está exposto esse utilissimo representante da fauna amazonica, nossos vindouros vão sentir a sua carencia, a difficuldade de obter tão valioso pescado.

Entregam-se os mariscadores a um verdadeiro tripudio. A obseção é matar o peixe, pequeno ou grande. Tal seja a secca, matam-n'o até a cacêto."

Quem quer que conheça bem a vasta Mesopotamia brasileira, sabe que as palavras do dr. Anísio Jobim exprimem, sem o minimo exagero, a realidade dos factos.

Estamos, pois, em face de dois

problemas: a defesa dos viveiros amazonicos e sua melhor, mais productiva exploração.

Seria da maxima conveniencia para aquella região, tão necessitada de que se lhe valorizem as multiplas riquezas, que grandes companhias de pesca se fundassem. Indispensavel seria, entretanto, que, caso tal fundação se verificasse, a precedessem providencias do poder publico, racionais e efficientes, no sentido de se obstar tudo quanto pudesse, ao influxo das novas e maiores cobças cuja formação ficaria fora de duvida, concorrer para a ampliação dos erros, dos verdadeiros crimes, hoje praticados, a tal respeito, por toda a extensão do valle.

Pensamos, aliás, que si a in-

linha dos ovos de ouro, e perder-se-lam os capitales invertidos no empreendimento.

Em rigor, não é só de represão ás praticas brancas e abusivas, de que decorrem condições desfavoraveis para a piscicultura, que se deve cogitar. Precisa-se ir além, e adoptar medidas que facilitem o repovoamento aquelles viveiros, eliminando factores naturaes que sejam obstaculo á reproducção abundante das especies.

Eis, porque, nas epigraphes desse artigo, falámos de piscicultura e não de pesca. Emquanto que da primeira depende o futuro da importante industria, em torno á qual bordámos as considerações acima, é a segunda, si praticada isoladamente, uma ter-



LAGO DE ARVAPUÁ — BELLOS SPECIMENS DE PIRARUCU

dustrialização da pesca viesse a realizar-se de accôrdo com processos avançados, dentro dos respectivos planos estariam necessariamente as mais serias preocupações com esses aspectos do problema, mesmo porque, si assim não succedesse, morreria dentro em pouco a gal-

rivel ameaça para a inestimavel riqueza que os rios piscosos representam. Piscicultura e pesca — eis os dois termos de uma formula fecunda de actividade industrial, ao passo que pesca sem piscicultura vale por uma definição do que seja a prosperidade éphemera.

MORTOS ILLUSTRES

Com poucos dias de intervalo, perdeu a Sociedade Nacional de Agricultura dois dos seus mais velhos e dedicados membros — os doutores Moura Brasil e Azevedo Sodré.

Ao interesse que ambos sempre demonstraram pelas questões economicas do paiz, notadamente aquellas relacionadas com o aproveitamento da gleba, juntava-se, para os irmanar em nossa admiração, como na de todos os seus compatriotas, o brilho intensissimo que deram á medicina brasileira.

Moura Brasil fez-se uma reputação até hoje irrealizavel na talvez mais delicada especialização da cirurgia: o oculismo. Sua merecida fama fazia que de todos os recantos do territorio nacional affluissem para o seu consultorio — tristes peregrinos em cujo coração sómente sobreviviam as ancias geradas por uma inabalavel confiança no saber e na pericia do extraordinario operador — quantos se viam immersos na tragica desolação da cegueira. E note-se que sua maestria indiscutivel e indiscutida nunca lhe despertou maiores ambições. Sua clinica esteve sempre aberta aos pobres como aos ricos, e são innumeras as pessoas a quem restituiu a suprema alegria de tornar a vêr, sem que um ceutil lhes exigisse em troca de tal thesouro. Tão caritativo era que não faltará quem interprete como ge-

nuino milagre o facto de haver conservado até idade avançada, não obstante a usura propria de todos os órgãos, quando se avizinha a decrepitude, toda aquella prodigiosa firmeza de pulso, a que devia o melhor de sua capacidade profissional.

Não cabe nestas linhas, que a saudade e o espirito de justiça nos dictam, um perfil do notavel oculista. E, coubesse muito embora, provavelmente não abalançariamos a traçal-o, visto como já o fez de maneira insuperavel um dos mais distinctos discipulos de Moura Brasil — o dr. Augusto Linhares, que o Estado do Ceará incumbira de o representar nas festas jubilares, ha poucos annos promovidas, daquelle seu grande filho, e cujo discurso, publicado posteriormente em *placquette*, com o titulo de «Oração na Academia», vale por um emocionado e eloquente balanço á vida nobre e fecunda daquelle a quem é licito chamar-se pae do oculismo brasileiro.

Não se esqueceu Augusto Linhares, nessa oração memoravel, do aspecto da personalidade de Moura Brasil que o levou a incluir-se no ról dos brasileiros lucidos e patriotas, de cuja iniciativa provém a criação da Sociedade Nacional de Agricultura. Referimo-nos ao entusiasmo que sempre revelou pelo Brasil productivo, pelo Brasil agricola. Tinha extremos de fana-

tico pela nossa terra, de cujo seio achava que se tem de desentranhar todas as forças necessarias á genese de uma grande, e alta, e firme civilização. Estudioso dos problemas agrarios, vendo nas varias industrias agricolas o melhor sustentaculo da grandeza da patria, de duas formas, principalmente, procurou concorrer para a organização, em moldes progressistas, da lavoura e criação nacionaes: alistando-se entre os fundadores do instituto que tem por objectivo apressal-a, e dar, individualmente, o bom exemplo, montando no Estado do Rio uma fazenda modelo, em cujos trabalhos tomava humildemente parte como verdadeiro discipulo de Cincinnatus. Era entre a sua clinica e as suas plantações que se lhe dividiam os cuidados. E essa divisão dá medida exacta do patriota e do philanthropo que simultaneamente elle foi.

Tambem Azevedo Sodré figurou sempre em o numero dos nossos, e estava no cargo de vice-presidente da S. N. de A. quando a morte o surpreendeu. A visão circular que esse notavel pensador, um dos mais vigorosos e altos produzidos até hoje pelo Brasil, tinha de todas as questões de relevo para a nacionalidade, não podia escapar a importancia da exploração das terras magnificas com que nos dothou o destino. Acompanhava, pois, com attenção os

debates que a respeito se fariam, e no devotamento á nossa causa, que é a dos produtores nacionais, ficou bem exposto o seu modo de entender quanto á necessidade de se lavarem a esse dominio os beneficios da cooperação.

Azevedo Sodré não foi, apenas, um clinico de grande autoridade, e um professor emerito, cujas lições deixaram tradição aurea na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Na politica, na administração, no jornalismo, nas bellas-lettras fulgiram outras tantas faces de seu privilegiado talento. Como deputado federal, director da instrucção na Capital da Republica, Prefeito desta, revelou-se, não sómente um agitador das idéas mais claras e avançadas de seu tempo, como um infati-

gavel enraizador das realizações que se inspiram em taes idéas.

Todavia, sua «faculté maitresse» estava no educacionismo — assumpto que debateu sempre com segurança absoluta, e em cujo dominio, quando administrador, executou medidas tão sabias e opportunas que são favores que a nação lhe ficou eternamente a dever.

D'elle partiu o primeiro movimento em favor do systema universitario, das caixas escolares, do fundo escolar, das colonias de férias; e cabe-lhe a gloria de ter sido quem deu efficiencia á inspecção sanitaria nas escolas desta cidade. E, entretanto, na organização do ensino profissional e technico, feita segundo os melhores methodos, que preferimos enxergar o mais forte indicio de sua capacidade de educador, visto como demonstrou assim aperceber-se do perigo que póde offerecer o ensino puramente literario e scientifico, si extremamente diffundido, e dos proveitos que adviriam ao Brasil, em sua condição de potencia economica, da disseminação dos conhecimentos e dos habitos sem os quaes nenhum paiz poderá destacar-se pela abundancia e excellencia de seus productos.

A Lavoura

Revista da Sociedade Nacional de Agricultura
= e da Confederação Rural Brasileira =

Fundada em 16 de Janeiro de 1897,
e reconhecida, por lei, de
utilidade publica.

Dr. Ildefonso Simões Lopes
Presidente da Sociedade

Dr. Benjamin Lima
Redactor Chefe

Eng. Ag. Thomaz Coelho Filho
Redactor Technico

Petra de Barros
Redactor Secretario

Roberto Dias Ferreira
Gerente

Redacção e Administração
Rua 1.º de Março, 15-sob.
TELEPHONE NORTE 1416
RIO DE JANEIRO — BRASIL

História Natural Brasileira

PALESTRAS DO PROFESSOR BENEDICTO RAYMUNDO DA SILVA

II

Cajueiro e abacateiro

Aqui estamos novamente para falarmos na pequena palestra de hoje, sobre cousas da nossa História Natural, de um vegetal sobrejamente conhecido e estimado em todo o Brasil. Não ha de certo quem não conheça o cajueiro, essa arvore pouco ornamental, bastante esgalhada, tortuosa, de facil subida, arvore que bem se pode chamar o padrão do nosso littoral. Quem não conhece os caju's, tão lindos e apetitosos? Amarellos, alaranjados ou vermelhos?

Todos conhecem, já pelo summo saboroso e abundante em estado natural, já pelas multiplas applicações, que lhes dão.

Pois bem; o cajueiro pertence a uma pequena familia botanica, a das *Anacardiaceas* e ao genero *Anacardium*, palavra esta, que significa semelhante a coração, isto é, de *ana* e *cardia* é tem o nome scientifico de *Anacardium occidentale*, dado pelo immortal naturalista suéco, Linneu.

Esse vegetal, que se acha grandemente espalhado por todo o Brasil e que tem por patria o nosso paiz e a America tropical, floresce em agosto e setembro e fructifica de novembro a fevereiro.

O povo, faz uma grande confusão com o fructo, pois chama fructo ao pedunculo floral hypertrophiado, em vês de chamar ao aquênio, isto é, a castanha. O pedunculo floral, tão grandemente entumescido, é muito rico em abundante summo, de um delicado sabôr, dôce, aromatico e algumas vês adstringente, adstringencia esta, que quando muito forte é chamada, *ranço*.

As dimensões, a fôrma e a côr dos caju's são bastante variaveis.

Ora são arredondados, ora alongados, podem ser amarellos, alaranjados, ou vermelhos, sendo para notar que os amarellos são geralmente os mais dôces.

Quanto as dimensões, são dignas de nota, as dos chamados no Norte *caju' banana*, verdadeiros gigantes. Todos sabem como são procurados os caju's, para dôces cristalizados, ou em calda, em massa que recebe o nome de *cajudada*, para refrescos, xaropes, sorvetes, etc.

A castanha, que como dissemos é o verdadeiro fructo, é chamada quando nova de *maturi* e como o seu apparecimento coincide com as chuvas de outubro, em alguns Estados, essas chuvas são conhecidas por «chuvas de maturi», esse mesmo nome, é dado no Ceará as chuvas de agosto e setembro, época da florescencia. A castanha é bastante coriacea em seu revestimento, e a côr varia do cinzento ao bruno. E' rica em um oleo volatil, inflamavel ao fogo e muito caustico para a pelle nodoando-a de escuro.

Esse oleo, contem uma substancia denominada «Cardol», que segundo Silva Araujo é igual a C 21 — H 31 — O 2.

Pois seja essa a formula, mas o que sabemos é que o povo emprega esse oleo, na extirpação de callos e na cauterisação de ulceras rebeldes ou chronicas. A amendoa, que encontramos encerrada, é magnifica, muito saborosa e largamente usada.

No Ceará usam-na pilada em mistura com farinha de mandioca e rapadura e muitas vês a isso addicionam o «mucoróro», isto é, o sumo do caju' e os naturaes chamam de «trumbança» a essa nova fôrma de manjar. E' consumida tambem simplesmente torrada e entra na composiçao de finissimos dôces, entre outros na do famoso *chouriço*, de alguns Estados do Norte, dôce de côr pouco convidativa, porém de delicioso sabôr.

Não é a *chouriça* dos portugêses, e sim um preparado de sangue de porco, aparado com sal e em que entram além do assucar, tambem a nôz moscada, o cravo da India e tantas outras especiarias.

Agôra dirão os meus ouvintes, isso não é dôce! isso é quasi um explosivo para o estomago!...

Pois enganam-se é um delicioso dôce. Essas amendoas, que são tão apreciadas e que passam tambem como bom tonico nervino, já constituem objecto de commercio de exportação e vemol-as vendidas, ou torradas, ou revestidas de assucar procedentes de Pernambuco.

Quem desejar saber o que ha, sobre o oleo

da castanha de caju', encontrará copiosa somma de informações, na patriótica publicação do Ministerio da Agricultura, de Eurico Teixeira da Fonseca, sob o título «*Óleos vegetaes brasileiros*», ou em «*Balsamos e resinas da Floresta Amazonica*», de Paul Le Cointe, director do Muséu Commercial do Pará.

O summo do caju', são agradável refrigerante, goza também pelo povo da reputação de bom sedativo e delle ainda se pôde fazer vinagre e o afamado vinho de caju' do Norte, tido como depurativo, sendo notavel o do Ceará, que apparece sob o nome de «*Nectar de caju'*», de Rodolfo Theophilo, incansavel estudioso das nossas cousas. As folhas novas do cajueiro, são usadas pela medicina popular, como antiaphtósas. As cascas, conhecidas no mercado pharmaceutico, por «*cacai antidiabeticas*» são muito adstringentes e empregam-se no tratamento da diabetis insipida e communmente em banhos e lavatorios em substituição a outras substancias igualmente adstringentes e podem servir para o cortume de pelles. A gomma, resina, mais soluvel que a gomma arabica, pôde, em certos casos, substitui-la e o povo a emprega não só para encerrar linhas de pesca, mas também como balsamico nas afecções do aparelho respiratorio.

A madeira, um tanto rosada, si bem que não seja muito rija, pôde ser utilizada na marcenaria e finalmente, quando queimada, a cinza é tida como adubo para a terra pela percentagem de potassa que contem.

Presentemente o cajueiro é aproveitado pelas duas medicinas, a homœopathica e a allopathica, que o empregam no tratamento dos edêmas, anasarcas, diabetes, etc. e ainda como vermifugo, em tintura.

Já que falamos do caju', naturalmente por uma associação de idéas, nos vem o Caju'-i, um outro *Anacardium*, também chamado, caju' do campo e caju' rasteiro, conhecido nos campos mineiros. Este é o *Anacardium pumilum*, dos botanicos, um arbusto, bastante vulgar, com o pedunculo floral, isto é, o que chamamos caju' amarello e doce.

O caju'-i bem como o seu congenere, o caju' são vegetaes do littoral.

O cajueiro, como todos os vegetaes, até mesmo os mais venenosos, não está isento dos inimigos naturaes, os insectos que lhe roem as folhas ou brocam o tronco. Entretanto, não são muitos os inimigos: — são alguns *Coleopteros*, chamados pelo povo *besouros*, denominados mais communmente *serrapáus* ou *serapilhões*, scientificamente

mente conhecidos por *Longicornios* e uma maripôsa, que lhe cobre o tronco de casulos.

Felizmente uma mosca, uma *tuchinaria*, se incumbe de auxiliar os esforços do Ministerio da Agricultura, depositando sobre a lagarta os ovos, que em curto tempo se transformam em larvas, dando cabo da lagarta, que quando se sente atacada apressa-se em fabricar o casulo. E' por isso, que tantas vêses os amadores de insectos, quando pensam obter um bello e frêscio exemplar, são mimoseados com algumas dezenas de moscas. A lagarta do cajueiro, é uma das nossas *tatarânas* ou *lagartas de fogo*. E' de cor geral clara, com longos fios de pêlo de um escuro vinôso, sahidas de tuberculos, e que quando em contacto com a pêle provocam dolorosa inflamação muitas vêses acompanhada de febre. O casulo é grande, discoidal, argentado, de tecido frouxo, adaptado ao tronco do vegetal e resguarda o verdadeiro casulo, que é oblongo, amarellado e pergaminhoso.

A borboleta, é a que a Entomologia conhece sob a denominação de *Megalopyge lanata*, pertencente a grande Familia dos *Lasio campideas*, e foi estudada por Stoll, desde 1780. E' clara com as nervuras escuras. Os dois sexos são semelhantes, porém o masculino possui o abdômen annellado de rosa, e o feminino sempre maior, tem os dois ultimos segmentos brancos e feltrósos.

Poucos são os estragos produzidos por *Megalopyge lanata*, e sob esse ponto de vista não se devem muito preocupar os agricultores.

* * *

Outro vegetal devêras importante, sob varios aspectos, é o Abacateiro, *Lauracea*, que para alguns é oriunda do Mexico, mas que se acha cultivada em quasi todas as regiões tropicaes. A sciencia a conhece sob o nome de *Persea gratissima* ou *Laurus persca* de Linneu. E' o seu fructo chamado *abacate* e por toda gente conhecido como uma excellente sobremesa, pois a polpa é um magnifico crême, que se usa com assucar e pingos de limão, com leite, vinho do Porto, ou aromatisado com finos licôres. A semente, é como todos sabem, volumosa, e encerra uma especie de succo lácteo. Quando partida, torna-se ferruginosa e della se utiliza o povo, para marcar roupa, e é para que se diga que não anda mal avisado, pois não deixa de ser uma boa tinta indelevel.

A medicina popular o emprega emprestando-lhe propriedades diversas e algumas até fantas-

ticas, mas presentemente já se acha em alguns preparados pharmaceuticos, com restrictos predi-
cados.

São contudo as folhas, que gozam de comprovadas propriedades medicinaes e são largamente empregados como um bom eliminador do acido urico. O povo usa-as em infuso e a medicina em extracto fluido. Quanto as cascas, acredita a massa popular, que são antihelminticas. Uma substancia porém, que se extrai do abacate, parece ser digna de nota, é a denominada *perseita*, simile da manita, substituindo-a, dizem, sem nenhum inconveniente.

O nosso precioso vegetal, ainda nos dá oco excellente, claro e semelhante ao das oliveiras, e no dizer do saudoso Theodoro Peckolt, esse sabio investigador da nossa opulenta flora, bem poderia substituir com vantagens o azeite eu-
ropéu.

Emfim, sobre este assumpto de tamanha im-
portancia, nada temos feito, além de boas analy-

ses, tudo mais permanecendo no dominio das theo-
rias, sempre tão prejudiciaes.

A madeira é clara, porem pouco resistente; a casca pôde fornecer fibra e a cinza, querem alguns, que seja rica em principios phosphorados.

Poucos são os insectos, que atacam o abacateiro, ha apenas alguns *serradores* e por vê-
ses a terrivel Sau'va, que nada poupa, mas que felizmente só o ataca accidentalmente, pois pre-
fere outros vegetaes como veremos n'outras pa-
lestras.

* * *

Por hoje chega, poderia ir um pouco mais longe, mas não desejo cansar os meus bondosos ouvintes, pois os naturalistas, quando estão absor-
vidos com as causas da Natureza, perdem, por completo, anção do tempo e se por ventura deparam com um curioso e pequenino ser ani-
mal ou vegetal, que passa despercebido aos olhos dos profanos, em profunda meditação repetem dentro d'alma:

Natura maxime miranda in minimis!



HOPKINS CAUSER & HOPKINS

RUA MUNICIPAL, 22

RUA HERMILO ALVES

Caixa do
Correio
1054
Rio de
Janeiro



UM GRANDE REMEDIO

IMPEDE AS ENFERMIDADES

CARRAPATICIDA

MATA
TODOS OS
CARRAPATOS

DE COOPER

NÃO ESCALDA



S. João
d'El-Rey
Estado
de
Minas



O commercio exterior do Brasil

Resumo das respostas das Embaixadas, Legações, Consulados e Addidos Commercias á Circular n.º 208 do Ministerio das Relações Exteriores.

PRINCIPAES PRODUCTOS DE EXPORTAÇÃO (1927).

em £ 1.000

1) Banha	6
2) Carne em conserva	191
3) Carnes congeladas	983
4) Couros	3.186
5) Lã	710
6) Pelles	1.205
7) Sebo	51
8) Xarque	121
9) Manganez	517
10) Pedras preciosas	339
11) Algodão em rama	1.023
12) Arroz	288
13) Assucar	636
14) Borracha	2.801
15) Cacão	4.560
16) Café	62.689
17) Cêra de carnaú'ba	770
18) Farelos	264
19) Farinha de mandioca	53
20) Fructas de mesa	472
21) Fructos para oleo	1.703
22) Fumo	1.718
23) Herva-mate	2.677
24) Madeiras	589
25) Milho	2
26) Oleos	27
Diversos	1.108
	88.689

DISTRIBUIÇÃO DAS EXPORTAÇÕES POR CONTINENTE:

	valor em £
Africa	2.015,873
America	49.438,458
Asia	70,596
Europa	37.162,351
Oceania	1,551

PRINCIPAES PAIZES DE DESTINO:

Valor em £.

Estados Unidos	40.981,998
Allemanha	9.211,780
França	8.528,897
Argentina	5.339,946
Hollanda	5.018,576
Italia	4.062,398
Grã-Bretanha	3.019,036
Uruguay	2.436,826
Belgica	2.271,536
Suecia	1.914,808
Dinamarca	789,273
Espanha	695,512
Egypto	456,541
Portugal	363,338
Chile	326,878
Finlandia	284,653
Noruega	231,809
Russia	225,879
Canadá	128,823

ALLEMANHA (Legação em Berlim).

Tomando-se por base o volume das exportações do anno de 1927, os productos brasileiros de maior acceitação nos mercados allemães foram os seguintes: café, oleaginosos, couros, fumo em folha, cacão, borracha, manganez, carne congelada, milho, cêra de carnaú'ba e as pedras preciosas e semi-preciosas.

Com excepção da cêra de carnaú'ba, cujo fornecimento é de 94 % do total importado pela Allemanha, e das pedras preciosas e semi-preciosas, que representam 70 e 60 %, respectivamente, todos os outros productos brasileiros soffrem activa concorrência. O café, por exemplo, cuja quota na importação allemã de 1914 ultrapassava a 70 %, em média, decresceu a 43 % em 1927. A principal causa desta quêda foi o descaso em que até bem pouco tempo se deixou o café brasileiro no mercado allemão, offerecendo, assim, possibilidades aos succedaneos e aos outros concorrentes para se insinuarem no gosto do publico, hoje já completamente deshabituado ao sabor do café puro.

A borracha de plantação luta, ha muito e victoriosamente, com a do Brasil. No momento actual, certas industrias usam em pequena proporção (menos de 10 %) a nossa «hard fine Pará». Os compradores queixam-se dos preços, que, dizem elles, se tornam mais elevados pelo grande volume de humidade e de impureza misturadas á borracha brasileira.

Outro factor que colloca os nossos productos em situação desvantajosa é a falta de padronização.

A Allemanha não importa do Brasil os seguintes artigos: assucar, farinha de mandioca, madeiras, oleos vegetaes, gobo e xarque, não sendo este ultimo producto importado de qualquer outro paiz.

Os direitos de alfandega que recahem sobre os productos brasileiros estão equiparados, por concessão unilateral do Governo allemão, aos que pagam os paizes que gozam do tratamento de nação mais favorecida.

Os couros, a lã, as pellas, o sêbo, o manganez, as pedras preciosas, o algodão, a borracha, os farelos e os fructos oleaginosos estão isentos de qualquer direito de importação. O café paga Rm. 130 por 100 kilos, o fumo 80, o cacáo 35, a cêra de carnaúba 10 e a herva-mate 4.

ARGENTINA — (Add. Commercial e Cons. em Rosario).

A Republica Argentina, segundo as estatisticas brasileiras, occupa um dos primeiros lugares entre os paizes compradores, tendo figurado no anno de 1927 em 4.º lugar, com 6,29 % sobre o valor total da exportação do Brasil, e, nas estatisticas argentinas, em 6.º lugar, com 5,14 % da importação geral desse paiz.

Os primeiros productos importados são os seguintes: herva-mate, fumo, café, cacáo, madeiras, fructas, arroz, farinha de mandioca, borracha, algodão, oleo de mamona e cêra de carnaúba. Em relação aos quatro primeiros, pôde-se dizer que elles não soffrem concorrência de artigos similares. O mate, cuja importação do Brasil elevou-se a mais de 68.500 mil kilos, em 1926, é o principal producto brasileiro consumido nos mercados argentinos, seguindo-se depois o fumo (kls. 6.852.465), o café (377.647 saccos), e o cacáo (kls. 2.601.000).

Todos os demais productos, dos quaes alguns são vendidos nos mercados argentinos em grande quantidade, como as madeiras, o arroz e as fructas, são adquiridos tambem em outros paizes.

As causas dessa concorrência são varias e differentes, conforme as mercadorias; em geral, porém, derivam da diferença de preço, dos defeitos de apresentação, da variedade de typos e da falta de uma organização conveniente do nosso commercio exportador.

São poucas as mercadorias que gozam na Argentina de favores alfandegarios, estando os productos brasileiros sujeitos aos mesmos direitos que os importados de outras procedencias.

AUSTRIA — (Add. Commercial).

Os principaes productos importados do Brasil pelos mercados austriacos são os seguintes: café, cacáo, borracha, couros, cêra vegetal e carnes congeladas. Com excepção do mate, a Austria importa de diversas procedencias todos os demais artigos de produção brasileira.

O café occupa o 1.º lugar, tendo a importação geral do anno de 1927 se elevado a 82.509 quintaes, fornecendo o nosso paiz 83,41 %. No mesmo anno a Austria importou 47.706 quintaes de cacáo, figurando o Brasil com 25,3 %, como fornecimento directo, cabendo-lhe ainda uma percentagem nas compras realizadas por intermedio dos entrepostos.

Para supprir ás suas industrias de artefactos de borracha, foram importados 35.154 quintaes, vindo do nosso paiz apenas 10 % do total geral.

A cêra vegetal é quasi que exclusivamente importada do Brasil e a preparada é fornecida pela Allemanha.

Os nossos productos soffrem na Austria a mesma concorrência que se observa nos paizes da Europa central. O proprio café encontra na industria dos succedaneos um grande impecilho para o desenvolvimento do consumo que poderia alcançar nesses paizes si não fosse a propaganda que é feita contra o uso do café puro, isto é, a favor dos succedaneos. O alto preço por que é vendido o café nos mercados da Europa central tem facilitado enormemente a acceitação desses productos.

Quanto aos demais artigos de produção brasileira, importados pelos paizes do centro da Europa, as causas que determinam a preferéncia dos productos similares aos nossos são as mesmas em quasi todos elles: diferença de preços, falta de preparo conveniente, acondicionamento imperfeito ou improprio e, principalmente, a falta de padronização.

As moedas adoptadas nas transacções commerciaes da Austria são a libra e o dollar, es-

tando também nos usos do paiz a concessão do prazo de 90 dias para o augmento de suas importações.

Os direitos que gravam os principaes productos brasileiros importados pela Austria são os seguintes: café 100 corôas ouro por 100 kilos, cacáo 50, carnes congeladas 15 e o fumo 125. A borracha, as sementes oleaginosas, a lã, o algodão, o milho e os couros têm entrada livre.

BELGICA — (Cons. Geral em Antuerpia).

As carnes congeladas, o cacáo, o fumo, o café, os couros, o manganez, o algodão, e a borracha são os productos que, dentre os 26 principaes da exportação brasileira, têm maior acceitação nos mercados da Belgica. A lã, as pelles, o assucar, as madeiras, a cêra de carnaúba e o fumo são também importados do Brasil, em pequenas quantidades.

A Belgica possui uma das melhores colonias entre as situadas na região tropical da Africa — o Congo Belga —, e essa colonia será mais tarde a grande concorrente do Brasil, no fornecimento do café, cacáo e algodão. Hoje, porém, principalmente para o café, é o producto das Indias hollandezas o que mais concorre com o do Brasil nos mercados belgas. Para o total de 41 1/2 milhões de kilos, o nosso paiz forneceu mais de 18 1/2 e as colonias hollandezas 14 1/2 milhões.

O café puro não é consumido na Belgica. A chicorea, cuja produção varia entre 60 e 80 milhões de kilos, é misturada com o café, numa proporção approximada de 40 %.

Para remover as difficuldades que impedem a importação franca ou mais accentuada dos productos brasileiros torna-se necessaria a padronização de alguns e o melhor acondicionamento de outros. O algodão nacional, por exemplo, sofre hoje nos mercados belgas enorme concorrência devido ás duas causas acima e o mesmo acontece com varios artigos que são produzidos no nosso paiz, mas que, pela deficiência de preparo, não podem concorrer com os seus similares.

Os productos brasileiros pagam nas alfândegas da Belgica a tarifa minima, gozando de isenção os seguintes: carnes congeladas, banha, algodão, manganez, arroz, borracha, cacáo, café, cêras vegetaes, farinha de mandioca, etc.

BOLIVIA — (Legação em La Paz
— Cons. em Guayarámirim).

O Brasil, que occupa o sexto lugar entre os 29 paizes para os quaes a Bolivia exporta os seus productos, está em decimo lugar entre os fornecedores.

Os principaes productos importados do nosso paiz pelos mercados bolivianos são os seguintes: farinaceos, sal, farinha de trigo, assucar, kerosene, xarque, banha, sabão e manufacturas de couro, lã e algodão.

Quanto ao café, sendo hoje a Bolivia regular productor, a sua importação é pequena. Em 1926, foi de kls. 28.288, representando o valor de Bs. 41.242, isto é, uma percentagem de 0,016 % sobre o total das importações, em relação ao volume, e 0,058 %, quanto ao valor. O café importado é de origem brasileira, na região do oriente e do nordeste, e de produção boliviana no centro e no sul do paiz.

Sendo a Bolivia um paiz essencialmente ligado ás industrias extractivas, especialmente á mineira, quasi desprovida de manufacturas e com uma vida agricola incipiente, vem do exterior quasi tudo quanto ella consome. Assim, o volume da nossa exportação para esse paiz póde ser enormemente augmentado, desde que se cuide de adoptar methodos praticos de propaganda dos productos brasileiros.

CHINA — (Cons. Geral em Shanghai).

A proximidade em que se acham os mercados chineses de regiões tropicaes de produção similar á do Brasil difficulta, em muito, o desenvolvimento do commercio entre os dois paizes.

Sómente quando fôr possível o estabelecimento de uma linha de navegação entre os portos brasileiros e os chineses, poderão ser removidas as difficuldades que actualmente existem para que os productos do nosso paiz possam concorrer com os da Formosa, India, Java, Ceylão, Sumatra e os das colonias britannicas situadas na Peninsula de Malaya, regiões estas de produção barata e servidas por facéis e frequentes communicações com os portos chineses.

Os direitos alfandegarios que recahem sobre todas as mercadorias importadas na China são invariavelmente de 5 % *ad valorem*.

DANTZIG — (Cons. em Dantzig).

O commercio entre o Brasil e a Cidade Livre de Dantzig é feito, indirectamente, por intermedio das grandes firmas allemães, hollandezas, francezas e inglezas.

A importação de mercadorias «coloniaes», de accordo com o regimen aduaneiro ali existente, está sujeita a uma rigorosa limitação, estabelecida por meio de quotas que variam constantemente.

No anno de 1927, os principaes productos importados foram os seguintes: café (1.773 tons.), couros e pelles (507), lã (132), arroz (86) e cacáo (60).

O café paga de direitos 140 slotys, o cacáo 25, o mate 200 e o fumo 2.080.

Os paizes que têm tratados de commercio com a Polonia gozam de uma redução dos direitos de importação.

DINAMARCA — (Legação e Cons. em Copenhague).

Os productos importados pela Dinamarca dentre os 26 principaes da exportação brasileira, são os seguintes: café, cacáo, sementes oleaginosas, tortas de sementes de algodão, linhaça, piassava e fumo.

A importação geral do café no anno de 1927 foi de kls. 270.302.000, figurando o Brasil com kls. 111.698.000, pouco menos de 50 %. Este producto, porém, é misturado com cafés de outras procedencias ou com uma especie de chicoreia conhecida pelo nome de «tilsaetning». Entre os 10 typos ou marcas de café em grão vendidos na Dinamarca, o «Santos good» é um dos mais caros. São quatro as qualidades principaes dos cafés torrados ou moidos: «Java puro», com 2 % de «Santos good», pelo preço de Kr. 6.00 por kilo; «Mistura Java», com 5 % de «Santos good», por Kr. 5.00; «Java robusta», por Kr. 3.10, e «Santos inferior», por Kr. 2.50.

A qualidade e a differença de preços são os factores a que se deve attribuir a concorrência que soffrem os productos brasileiros nos mercados dinamarquezes, principalmente o café e o cacáo.

A industria da Margarina e de outros productos oleaginosos tem tido um grande progresso naquella paiz, entretanto, a importação do babassu' é diminuta em comparação com a de outros oleaginosos.

O café paga nas alfandegas da Dinamarca Kr. 0,17 por kilo, o cacáo 0,06 e o fumo em

folha 2,00. A borracha, as pelles e couros e o algodão têm entrada livre.

EGYPTO — (Add. Commercial).

O café é o unico producto do Brasil consumido no Egypto, onde elle concorre com 75 % da importação geral.

Os demais productos brasileiros de exportação são de collocação difficil, principalmente porque, não existindo communicações directas entre os nossos portos e os do Egypto, elles só poderão ser vendidos por preços mais elevados do que os dos seus similares, importados geralmente dos paizes da bacia do Mediterraneo e do proximo Oriente.

Cerca de 90 % da importação do Egypto é de origem ingleza.

O fumo é o unico producto nosso que poderia concorrer com o da Turquia, Grecia e China, servindo como mistura no preparo de cigarros e charutos.

ESPANHA — (Consulados em Madrid e Cadiz).

Os mercados espanhóes importam do Brasil café, cacáo, madeira, fructas, couros, milho, asucar, etc. Os quatro primeiros são os que soffrem maior concorrência: o café, com os da America Central, Venezuela e Colombia; o cacáo, com o proprio producto espanhol de Fernando Po; as madeiras, com as da Suecia e Noruega e as fructas com as das Canarias.

A concorrência prejudica os productos brasileiros, principalmente porque os seus similares gozam de tarifas especiaes, alguns, e outros de facilidades de transporte, o que permite a venda por preço inferior.

Os nossos exportadores concedem, em geral, aos mercados espanhóes o prazo de 90 dias para o pagamento de suas importações, sob a garantia dos Bancos de Londres, quando outras praças acceitam a referencia bancaria de estabelecimentos de credito do proprio paiz, facilitando, assim, as suas transacções commerciaes com a Espanha.

Os productos brasileiros estão sujeitos á tarifa minima, mas o café e o cacáo soffrem um imposto de 10 pesetas por 100 kilos, pagando o primeiro 2 pesetas de direitos por kilo, e o segundo 1,50. O milho paga 10 pesetas por 100 kilos e a borracha 0,12 por kilo.

ESTADOS UNIDOS — (Emb. Washington — Add. Comm. e Cons. em Philadelphia).

Ao considerarmos o commercio existente entre o nosso paiz e os Estados Unidos convém lembrar que estes compram metade da produção exportavel do Brasil e vendem aos mercados brasileiros 50 % do que compramos no estrangeiro.

Dos 26 productos da nossa exportação, os Estados Unidos importam do Brasil 12, que são: café, cacáo, borracha, cêra de carnaúba, manguez, castanhas do Pará, madeira, sementes oleaginosas, couros, lã, peles e carnes congeladas.

Tendo-se em conta que a produção americana é quasi similar á do Brasil, os 14 productos que não são importados do nosso paiz podem ser reduzidos a 5; mate, xarque, farinha de mandioca, fumo e açúcar. Os tres primeiros não estão nos usos dos norte-americanos e os dois ultimos são de preferencia importados de Cuba, pela facilidade de transporte que offerece a pequena distancia em que se encontra este paiz do territorio dos Estados Unidos.

O café é o principal producto do Brasil consumido nos mercados americanos. Em média, as importações montam a 10.668.429 saccas, sendo 7.250.616 de procedencia brasileira. A Colombia é, depois do nosso paiz, que mais exporta café para os Estados Unidos (cerca de 2 milhões de saccas), sendo o producto desca origem misturado com o do Brasil.

A posição do café entre os productos que fornecemos aos mercados americanos é de accentuado desequilibrio, pois corresponde a 80 % do total das nossas exportações para os Estados Unidos. Em seguida vem o cacáo, representando 6,6 %; em terceiro a borracha, com 4,7 %; o quarto peles e couros com 2,9 %.

A concorrência que os productos brasileiros soffrem de similares estrangeiros póde ser avaliada pelo quadro abaixo, onde apparece a parte que coube ao Brasil fornecer nos totaes importados em 1927 pelos Estados Unidos.

Totacs da importação americana

Café — — — — —	\$264.275.000
Cacáo — — — — —	56.816.000
Borracha — — — — —	339.875.000
Couros e peles — — — — —	106.105.000
Diamantes — — — — —	40.736.000
Chicle — — — — —	6.156.000

Totacs da importação do Brasil

Café — — — — —	\$164.773.000
Cacáo — — — — —	13.561.000
Borracha — — — — —	9.699.000
Couros e peles — — — — —	5.727.000
Diamantes — — — — —	932.000
Chicle — — — — —	68.000

As causas da concorrência que aos productos brasileiros fazem os productos similares importados de outros paizes são varias; o preço é, entretanto, factor decisivo, embora muito influa, quando ha equivalencia de preços, a apresentação do producto, sua perfeita classificação em tipos padronizados e aceitos pelo mercado consumidor, etc. O mesmo ha a dizer, em linhas geraes, dos outros productos nossos, com excepção do café. Resentem-se tambem da nossa escassa organização industrial e commercial, males muito sensiveis num paiz onde, dia a dia, a industria e o commercio mais se disciplinam dentro de rigorosos methodos scientificos.

A maior parte dos productos que o Brasil exporta para os Estados Unidos estão incluidos entre os que gozam de isenção de direitos.

FINLANDIA — (Cons. em Helsingfors).

As exportações do Brasil para os mercados finlandezes são representadas pelo café, sementes oleaginosas, couros, farelo, aveia, milho e lã. O valor desses productos importados em 1927, do Brasil pela Finlandia, foi de 113.8 milhões de marcos, correspondendo pouco mais de 100 milhões ao café, cuja importação total foi de 265 milhões.

A importação de sementes oleaginosas representa cerca de um terço do total geral, cabendo á Argentina 7.5 milhões, pouco menos da metade. Os couros são tidos como de segunda ordem, por causa dos defeitos que apresentam; oriundos do pouco cuidado na matança, no preparo e manipulação. A importação de farelos teve inicio com a navegação directa, tendo a Argentina chegado a remetter essa mercadoria no valor de 9.2 milhões de marcos.

FRANÇA — (Cons. em Bordéos).

Dentre os 26 productos de nossa exportação, a França importa em grande escala o café, o cacáo, os couros e as sementes oleaginosas.

sas, sendo estes os que têm, verdadeiramente, mercados definitivos e aceitação corrente.

Segundo as estatísticas do commercio exterior do Brasil, a França occupa o 2º lugar na importação do café, com 1.422.299 saccas; também o 2º na de couros, com 6.335 toneladas e o 4º na de cacáo, com 3.054 toneladas.

Possuindo grandes dominios colónias de climas tropicaes, cuja produção é similar á nossa, existe naturalmente a difficuldade de collocação de varios artigos de que somos exportadores. Para certos productos, porém, a difficuldade de collocação provém mais da falta de esforços directos do nosso commercio exportador que não tem podido se adaptar ás exigencias dos mercados francezes.

GRÃ-BRETANHA — (Cons. Liverpool e Manchester).

A Grã-Bretanha importa todos os principaes productos brasileiros de exportação, com excepção do xarque e do mate, que são adquiridos em quantidades quasi que nullas.

Os productos do Brasil não têm preferencia aos similares de outras procedencias, a não ser a borracha, quando destinada á fabricação de certos artigos, e soffrem, em geral, uma grande concorrência, devido á differença de preço, á qualidade, ao acondicionamento e, principalmente, á variedade de tipos.

E' commum a exportação de artigos mal preparados, mal acondicionados, variavel no typo e outras condições, de um carregamento para outro e até mesmo entre o conteúdo de um envolucro e outro da mesma partida. São estas as principaes causas da falha dos nossos productos em adquirir nos mercados britannicos a preferencia que deviam ter, considerando que são, na generalidade, intrinsicamente superiores aos similares de outras procedencias.

O commercio inglez procura modelar-se ás praticas das praças estrangeiras; entretanto, no caso de artigos pereciveis, está estabelecido que as remessas são feitas a consignação e os pagamentos de accordo com o valor da mercadoria ao ser recebida.

Exceptuando-se os casos em que existe uma tarifa preferencial para os productos das colónias, o direito de importação são eguaes para os artigos de qualquer procedencia.

IRLANDA — (Consulado em Dublin).

As duas terças partes da importação da Irlanda são de origem ingleza. O commercio directo com o Brasil é completamente nullo. Sendo o chá a bebida predilecta dos irlandezes, a importação do café é diminuta, tendo representado em 1927 o valor de £ 28.293, apenas, ao passo que a do chá alcançou, no mesmo anno, a somma de 2.461.469 libras.

A facilidade de comunicação entre os portos irlandezes e inglezes, a intima relação economica que existe entre os dois paizes e innumeras outras causas fazem com que os mercados irlandezes estejam monopolizados pela Inglaterra.

BARBADA — (Cons. em Barbada).

A Ilha de Barbada, com excepção de raros productos, supprime-se, geralmente, nos mercados britannicos.

Os productos da Metropole e os das Colónias gozam da tarifa minima, isto é, 10 % *ad valorem*, ao passo que os importados de outros paizes estão sujeitos ao imposto de 20 %, sendo o Governo Colonial contrario a convenios de commercio.

ITALIA — (Cons. em Genova, Trieste e Napoles).

Entre os productos brasileiros importados pela Italia, pelos tres grandes portos de Genova, Trieste e Napoles, destacam-se os seguintes: café, cacáo, carne congelada, assucar, algodão, couros, pelles, fumo, sementes oleosas, borracha, alfafa, madeiras e cereaes.

Genova e Trieste, principalmente este ultimo, servem também de portos de transito ao commercio internacional da Austria, Tchecoslovaquia, Hungria e Yugoslavia. No commercio do café, porém, os mercados inglezes, hollandezes e allemães conseguiram supplantar o de Trieste, dando aos importadores da Europa central facilidades para o pagamento.

Ainda que as entradas do café de procedencia brasileira nos portos italianos representem mais de 70 % da importação geral desse paiz, o nosso producto não deixa de soffrer a concorrência dos cafés de S. Salvador, Porto Rico, Haiti e Venezuela, os quaes são vendidos como typos finos e superiores. Entretanto, o que mais prejudica o consumo do café do Brasil é a tarifa

aduaneira italiana, que cobra 1.205 libras por 100 kilos e mais o imposto municipal de 1 lira por kilo, o que eleva aquella taxa a 1.305 libras. Além deste forte impedimento, o café tem ainda de lutar com a chicoria, os melões e outras drogas que a elle se misturam, e que acabam por viciar o paladar do consumidor, em prejuizo do consumo do café puro.

A nova linha de navegação entre a Italia e a Africa occidental, veio augmentar a concorrência que já era feita ao cacão do Brasil. Este nosso producto, para não perder os mercados italianos, deve merecer maior cuidado no modo de embalagem e na uniformidade de tipos commerciaes. O imposto aduaneiro que grava o cacão é de 30 libras, ouro, por 100 kilos.

As carnes congeladas são, em geral, importadas pelo porto de Genova e procedem tambem da Argentina, da Australia e do Canadá. Os preços das carnes congeladas do Brasil são mais elevados do que os das carnes importadas de outras procedencias.

Os mercados de couros e peles são influenciados pela produção do Levante, de onde tambem é importada a maior quantidade do fumo consumido na Italia e o que ella reexporta para os paizes da Europa central e para os Estados Unidos.

As sementes oleaginosas têm grande procura na Italia, assim como as madeiras de construcção.

JAPÃO — (Emb. em Tokio e Cons. em Kobe).

O Japão, do mesmo modo que a China, estando situado na vizinhança de regiões de produção similar á do Brasil e servidas por linhas regulares de comunicação com os portos japonezes, tem com o nosso paiz um intercambio commercial muito limitado.

O valor das mercadorias similares ás de produção brasileira importadas pelo Japão no anno de 1926, foi superior a 891 milhões de yen, figurando as do Brasil com o pequeno valor de 45.000 yen, dos quaes 30 mil são representados pelo café, cuja importação geral foi de 1.136.000 yen, no mesmo anno.

Os principaes productos importados foram os seguintes: café (1.998 toneladas), algodão (693.417), fumo (4.628), couros (17.482), borracha (18.414 1/2) e manganez (96.596).

Os direitos de importação que recahem sobre os productos brasileiros são: café 15,10 yen por kin (16,93 kin — 1 tonelada), carne congelada 2.00 yen por 100 kin.

MEXICO — (Emb. no Mexico).

O Mexico importa do Brasil os seguintes productos: cacão, borracha, cêra de carnaúba e plantas medicinas. E' ainda provavel que outros artigos consumidos nesse paiz sejam de origem brasileira, principalmente entre os que figuram como importados dos Estados Unidos. Entretanto, mesmo em relação aos productos acima, as importações do Brasil não representam um grande valor nos mercados mexicanos.

A falta de communicações directas e, principalmente, a vizinhança de paizes de produção cimililar á do Brasil, prejudicam o desenvolvimento que poderia ter o nosso commercio com o Mexico.

NORUEGA — (Legação em Oslo).

Os mercados noruegueses importam do nosso paiz café, cacão, fumo, couros, farelo, algodão, oleaginosos e fructas. Os dois primeiros são os que têm maior acceitação, soffrendo, entretanto, ambos uma grande concorrência dos demais paizes productores, principalmente o café, cuja importação do Brasil tem diminuido nos ultimos annos, ao passo que a de outras procedencias tem augmentado.

Para a importação total de 17 mil toneladas em 1916, o café brasileiro concorreu com 13 1/2 %, o da America Central com 27 e o das possessões holandesas com 20. Os cafés mais apreciados na Noruega são os de S. Salvador, Moka, Java e o da costa de Malabar, no Indostão.

A importação do cacão na Noruega tem augmentado nos ultimos annos, alcançando a de 1926 a 2.344 toneladas. O Brasil figurou em 2.º lugar entre os paizes fornecedores, com 583 toneladas, depois da Nova Guiné.

Os direitos de importação que interessam aos nossos productos são os seguintes: café kr. 0,45; cacão 0,22 1/2 e fumo 3,37 1/2. O farelo, o algodão em rama e a piassava gozam de isenção de direitos.

PERU — (Cons. em Iquitos).

Os principaes productos importados do Brasil pelo mercado peruano de Iquitos são os seguintes: arroz, assucar, banha de porco, manteiga, xarque, farinha de mandioca, peixes e mariscos, gado, carnes conservadas, cacão manufacturado, couros e artigos manufacturados, geleias de fructa, artigos de algodão, bebidas, cha-

peus de palha e de massa, medicamentos e especialidades pharmaceuticas, perfumarias, cigarros e charutos, polvora para caça, vellas e artigos de malha.

Com excepção dos cigarros e charutos, geleias, bebidas (guaraná), camarão secco, gado e productos pharmaceuticos todos os demais soffrem a concorrência de artigos similares, cujas causas principaes são: — as facilidades concedidas pelos mercados estrangeiros; a falta de propaganda commercial dos nossos productos e a inexistência de um estabelecimento bancario que opere sobre o Brasil.

Os direitos e outras taxas que recahem sobre os productos brasileiros são iguaes aos de outros paizes fornecedores.

SUISSA — (Cons. em Genebra e Zurich).

Os productos brasileiros de maior consumo na Suissa são: café, cacáo, borracha, fumo, peles, couros, cêra vegetal, chifres, substancias para pharmacias e materias primas para usos industriaes.

A alta dos preços dos cafés do Brasil permittiu, a partir de 1920, a entrada do mesmo producto das colonias portuguezas e francezas da costa africana, os quaes, de 24.400 kilos, passaram a fornecer, em 1926, 517.925. E' tambem importante a concorrência que é feita pelo café da America Central, de Cuba e da Venezuela.

Por sua vez, o cacáo brasileiro não figura isolado naquelle mercado. Em 1927 o Brasil exportou para a Suissa 1.125 toneladas, em concorrência com a Africa Occidental (4.145 toneladas), o Equador (815) e a Venezuela (777). O fumo do Brasil compete com o da Turquia, Grecia, Estados Unidos e com o das Indias neerlandeas; os couros com os da Italia, Uruguay, Argentina e Colombia; a borracha com a das Indias britannicas.

Diversos factores contribuem para a concorrência que soffrem os nossos productos: falta de propaganda e consequente desconhecimento do mercado brasileiro, difficuldades nas operações bancarias, limitação de credito, preço, qualidade e apresentação.

Os direitos de importação que recahom so-

bre os productos brasileiros são identicos aos que pagam os productos similares de outros paizes.

TCHECOSLOVAQUIA — (Add. Commercial).

Os mercados tchecoslovacos importam todos os principaes productos da exportação brasileira, com excepção do assucar. Entre os paizes de procedencia, porém, o nome do Brasil não figura na importação de muitos delles, e, em outros, as quantidades importadas são tão diminutas que se não pôde considerar como effectiva a sua presença nos referidos mercados.

O café é o principal producto do Brasil importado pela Tchecoslovaquia. Torna-se, porém, difficil determinar qual é o nosso fornecimento, porque as estatisticas só mencionam as procedencias. Em 1927, a importação do café na Tchecoslovaquia foi de 133.962 quintaes, figurando o Brasil em 3º lugar, com 11,62 %, depois de Hamburgo e de Trieste, o primeiro com 56,98 % e o segundo com 22,36 % sobre a importação geral.

As sementes oleaginosas representam nos mercados tchecos productos de grande valor. Para attender ás necessidades das industrias que se occupam da fabricação de oleos vegetaes, sabões, productos alimenticios, etc, a Tchecoslovaquia importou 543 mil quintaes em 1927, tendo o Brasil fornecido 17.892.

E' tambem importante o commercio do fumo, que é um monopolio do Estado. A Régie de Tabacos desse paiz deseja entrar em relações com uma grande casa exportadora do Brasil, que tenha sufficiente stock, bastando que ella envie, na época de compras, suas amostras e condições. A importação do fumo foi de 170.712 quintaes em 1927, dos quaes 1.462 do nosso paiz.

Os couros, a cêra vegetal, o milho e o cacáo são os productos importados em grande quantidade pelos mercados tchecos.

Os direitos que gravam os principaes productos brasileiros importados pela Tchecoslovaquia são os seguintes: café 950 c., cacáo 116, borracha 250 e fumo 1.625. As sementes oleaginosas, os couros e outros productos têm entrada livre.

Arquivo Technico de Informaçõs da Sociedade Nacional de Agricultura

RESUMO DOS TRABALHOS EXECUTADOS DURANTE O MEZ DE FEVEREIRO DE 1929

1.ª QUINZENA DE FEVEREIRO

Foi o seguinte o movimento de confecção de fichas durante a 1.ª quinzena de Fevereiro:

Fichas feitas na 1.ª quinzena de Fevereiro — 27
Fichas existentes em 31 de Janeiro p. findo 1.630

Fichas existentes em 15 de Fevereiro — 1.657

Descontando 2 domingos, dias 3 e 10, e 2 facultativos, dias 11 e 12, restam 11 dias uteis:

Média diária:

27
— = 2.454
11

2.ª QUINZENA DE FEVEREIRO

Fichas feitas na 2.ª quinzena de Fevereiro — 26

Fichas existentes em 15 de Fevereiro — 1.657

Fichas existentes em 28 de Fevereiro — 1.683

Descontando 2 domingos, dias 17 e 24, restam 13 dias uteis:

Média diária:
26
— = 2
13

Durante a 2.ª quinzena de Fevereiro, foram, ainda feitos acréscimos de dados estatísticos mais recentes, em 38 fichas.

Djalma Guilherme de Almeida.
Engenheiro agrônomo — Encarregado do Arquivo.

Quem quer estacas de capim elephante?

A Estação Experimental de Agrostologia distribuirá gratuitamente durante todo o mez de Abril a todos os agricultores que o solicitarem estacas de capim elephante var. Mercker em pacotes de 2 kilos remetidos pelo correio. Estas estacas plantadas em covas espaçadas de 1 metro serão suficientes para plantar um canteiro de 8 m. x 8 m. de onde, até o fim do anno poderão ser retiradas as estacas necessarias para o plantio de uma area superior a 50 x 50 metros.

A variedade de capim elephante que a Estação Experimental de Agrostologia está presentemente distribuindo não é a mesma que distribuiu ha annos (var. Napier) a qual foi, dizimada, em muitos lugares por gravissima doença que atacava as folhas e a base dos colmos. A variedade Mercker tem se mostrado até a presente data completamente immune á referida doença. Como entretanto a variedade Napier actualmente cultivada na Estação não apresenta signaes apparentes de

doença e sendo esta variedade de aspecto um tanto differente da primeira, com propriedades differentes notadamente quanto ao valor forrageiro, a Estação de Agrostologia distribuirá egualmente aos agricultores que o desejarem, mudas da ultima variedade para que sejam feitas observações comparativas das duas forragens em differentes pontos do territorio nacional.

Os pedidos devem ser endereçados ao Encarregado da Estação Experimental de Agrostologia, Deodoro, Districto Federal.

Bulgaro Zymase

Fermento lactico bulgaro purissimo
Comprimidos e empolas para obtenção de coalhada.

■ ■ ■ Infecções Intestinaes, Doenças da Pelle, etc.



CARLOS DA SILVA ARAUJO & CIA. ■ Marca Registrada

SYPHILIS SUP-H G, suppositórios de mercúrio vivo, do **Laboratório Clínico Silva Arango**,
 é um medicamento ótimo para os tratamentos
 mercuriais prolongados e discretos. Commodo e economico.
 Um suppositorio todas as noites.



Carlos da Silva Arango & Cia.

Marca registrada

Farinha "Aurora" melhora o gado, obtendo
 mais peso, maior pro-
 dução de leite, saúde e resistência á epizootias.



Consumo economico. Beneficia qualquer animal.
 Uma unica experiencia significa aprovação definitiva,

Sociedade Nacional de Agricultura

MOVIMENTO DA SECRETARIA DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA DURANTE O MEZ DE FEVEREIRO DE 1929

CORRESPONDENCIA

Recebida, documentos	180
Expedida, documentos	919

SOCIOS INSCRIPTOS

- 1 — Intendencia Municipal de Sta. Luzia.
- 2 — Barthelemy Giberti.
- 3 — Francisco Hermogenes da Silveira.
- 4 — Sebastião Vieira Martins.
- 5 — Camara Municipal de Uberaba.
- 6 — Camara Municipal de Conquista.
- 7 — E. Schering.

PEDIDOS ATTENDIDOS

- 1.650 — Dózes vaccina contra a peste da mangueira.
- 19 — Rolos de arame farpado.
- 1.569 — Plantas fructíferas.
- 1 — Caixa formicida Azapeama.
- 10 — Saccos Salitre do Chile.

Dentre os multiplos serviços prestados pela Sociedade Nacional de Agricultura aos seus numerosos socios, cumpre salientar, pela sua natural importancia, o referente aos fornecimentos de material, agrario, adubos, insecticidas, plantas, sementes, medicamentos veterinarios, todos os utensilios, enfim, indispensaveis ao trabalho das fazendas.

De ha muitos annos já mantem a Sociedade de uma secção especial para attender aos pedidos de seus numerosos consocios e de tal fórma se avolumaram que se tornou necessario emprestar á mesma uma organização nova, que nos permitisse attender, com presteza e vantagem para os nossos socios, as encommendas que nos encaminhassem.

Não era possivel mesmo deixar de reconhecer essa necessidade e foi por isso que nos apresamos a remodelar tal serviço, hoje apto a realizar o objectivo collimado.

Nosso escopo unico fôra, e é, assegurar aos nossos presados consocios todas as possiveis vantagens e commodidades e para tanto organizamos de fórma a poder dar solução prompta aos pedidos que nos forem dirigidos, offerecendo-lhes, além da absoluta garantia da mercadoria despachada, descontos que vão até 10 % sobre o valor das respectivas facturas.

Conseguimol-o após um entendimento com diversas importantes e conceituadas casas importadoras, que gentilmente se promptificaram a nos auxiliar nesse empreendimento, cuja relevancia seria ocioso pôr em fóco, pois della poderão aquilatar, melhor que outrem, os proprios interessados.

A preferencia que demos a estabelecer accôrdo com casas importadoras, encontra justificativa solicitadas pelos nossos consocios, por um preço abaixo do corrente, na praça.

Como é sabido dos nossos prezados consocios, a Sociedade Nacional de Agricultura não dispõe de recursos amplos que lhe permitam adeantar a importancia de numerosas encommendas que houver de attender. Vê-se, por isso, na contingencia, de só tomar em consideração aquellas cujas facturas tenham sido saldadas com a conveniente antecipação, assumindo, nesse caso, responsabilidade absoluta pela cabal satisfação dos pedidos.

Essa é, aliás, a praxe que de alguns annos

adoptára, impossibilitada de custear despesas cujo total não lhe era possível precisar.

O serviço de distribuição de plantas é feito directamente pela Sociedade, que mantém na estação de Olaria (Districto Federal), o Horto Fruticola da Penha.

PLANTAS

Esse serviço, antes de installado o Ministerio da Agricultura, era executado por esta Sociedade, mediante autorização do Governo Federal e por conta de uma verba especial votada pelo Congresso. Apesar de cessada essa incumbencia, ainda assim a Sociedade Nacional de Agricultura continuou a mantel-o por conta propria, não tendo sido pequenos os sacrificios pecuniarios que ella teve de enfrentar,, nos annos subsequentes para o conservar sem profundas alterações e poder satisfazer, na medida do possível, parte dos pedidos até o anno passado.

Hoje, porém, diante do augmento progressivo de todas as despesas de reprodução, acondicionamentos, transportes das plantas até ao porto de embarque a Sociedade Nacional de Agricultura, não podendo prejudicar outros serviços definidos nos seus estatutos, sentiu a necessidade de suspender totalmente esse favor, convertendo-o em receita destinada á manutenção de um Aprendizado Agrícola, que já está installado anexo ao Horto da Penha, para alumnos internos e gratuitos (*).

Dado o objectivo patriótico que esse acto collima, no proprio interesse da classe agrícola a Sociedade Nacional de Agricultura só tem motivos para confiar no auxilio valioso de seus prezados consocios, que sem sacrificio especial e sim por meio da aquisição de plantas, terá ensejo de

(*) Os pedidos de plantas encaminhados á Sociedade por lavradores que não sejam associados, soffrem um augmento de 20 %.

prestar o seu concurso pecuniario em beneficio de um estabelecimento de ensino pratico de agricultura, cuja utilidade neste momento não é preciso realçar.

Além dessas plantas, distribue a Sociedade sementes diversas, inclusive de capim, cujos preços actuaes são os seguintes:

Capim gordura — kilo	1\$000
Abacateiro	3\$000
Abieiro de pé franco	2\$500
Abieiro enxertado	15\$000
Abriçoeiro amarello	2\$500
Ameixeira de Madagascar	6\$000
Beribáseiro	2\$500
Cabelludeira	2\$500
Caimito	4\$000
Caramboleira	3\$500
Coqueiro da Bahia	5\$500
Eugenia speciosa	2\$500
Figueira	2\$000
Fructeira do Conde	2\$000
Genipapeiro	3\$000
Goiabeira branca	4\$000
Goiabeira vermelha	3\$000
Grumixameira	3\$000
Jaboticabeira	6\$500
Jaqueira	2\$500
Kakiseiro de pé franco	3\$000
Kakiseiro enxertado	6\$500
Laranjeira Grape-fruit	4\$500
" Pamplemussa	4\$500
" Péra	3\$200
" Saúde	3\$200
" Abacaxi	2\$800
" Bocêta	2\$800
" Campista	2\$800
" Mandarin	2\$800
" Natal	2\$800
" Rajada ou Independencia	2\$800
" Rosa	2\$800
" Sanguinea	2\$800
" de penca	2\$800

HORTULANIA

C. A. Carneiro Leão

77, Rua do Ouvidor, 77

RIO DE JANEIRO

Sementes novas de hortaliças, flores e agricultura, plantas de ornamento, fruteiras, roseiras, etc., objectos para todos os misteres de jardinagem e lavoura. — Bombas e seringas de metal para irrigar e pulverisar. Livros sobre Agricultura, Indústria Pastoral e pequenas culturas.

FERRAMENTAS, GAIOLAS, VASOS, etc. — CHÁ DA INDIA, PULVERISADORES E FORMICIDAS.

SARNOL contra o carrapato no gado e outros artigos de veterinaria. Objectos de Apicultura, etc. etc.

Limceiro azêdo miudo	5\$500
" doce	2\$800
" de Veneza	4\$000
Litchi da India	6\$500
Mangueira Bahia	7\$500
" Cambucá	7\$500
" Coração de boi	7\$500
" Espada	7\$500
" Espadão	7\$500
" Itamaracá	7\$500
" Maça-amarella	7\$500
" Maça-rosa	7\$500
" Rosa	7\$500
" Rosalia	7\$500
Oitiseiro	2\$500
Pimenta da India	4\$000
Romanzeira	4\$000
Sapoteira	3\$000
Uvalheira	3\$500
Sapotiseiro enxertado	20\$000
Sapotiseiro de pé france	6\$500
Langermeira	3\$200

OBSERVAÇÕES

Nos preços acima não está incluído o custo de engradados, carreto, etc., cuja importancia corre por conta do destinatario e só pôde ser calculada á vista da encomenda, conforme a quantidade e o destino das plantas.

Aos socios da Sociedade Nacional de Agricultura será concedido o abatimento de VINTE POR CENTO nas encomendas de dez até cem plantas e de VINTE E CINCO POR CENTO para quantidade superior.

Os interessados que não forem socios, gozarão tambem de um abatimento, de CINCO POR CENTO, nas encomendas de cem e duzentas plantas e de DEZ POR CENTO nas que excederem deste numero.

Sendo as plantas de cada encomenda conferidas rigorosamente antes de serem despachadas e indo indicada na parte externa do engradado a quantidade de exemplares nelle acondicionados, a Sociedade Nacional de Agricultura não assume a responsabilidade de repor as que se extraviarem durante o transporte.

Afim de evitar demóra ou extravio das remessas por defficiencia de esclarecimentos, devem os

seuhores interessados declarar nos seus pedidos a estação e a estrada de ferro para o despacho das plantas, e qual a localidade para onde deve ser dirigido o conhecimento respectivo.

MATERIAL AGRARIO

Com referencias ao material agrario, podemos no momento, offerecer as seguintes indicações:

Arame galvanizado n. 6, kilo. . . .	1\$000
Arame galvanizado n. 8, kilo. . . .	1\$000
Arame galvanizado n. 10, kilo. . . .	1\$050
Arame galvanizado n. 12, kilo. . . .	1\$100
Arame galvanizado n. 14, kilo. . . .	1\$120
Arame farpado Santa Cruz, 400 metros regulando 30 kilos, Rolo . . .	21\$000
Arame farpado, 40 kilos, Rolo	27\$500
Arsenico em caixas 100 kilos, . . Kilo	2\$000
Idem menor quantidade	2\$500
Arsenico branco, lata 1 kilo.	6\$000
Arado de aiveca fixa, fabricante Avery, typo Kentucky 9", dois bra-	

PEDIGREE

RAÇAS INGLEZAS

DOS MELHORES CRIADORES INGLEZES

Exportador de Bovinos—Durham—Devon—Hereford—Sussex—Aberdaen—Angus—Red-Polled—British—Fresians—Guezney etc.

Ovinos de Rommey Marsh—Lincoln—Cara negra—Shropshire e todas outras raças.

Suinos de Berkshire—Large—Black e outras raças.

Cavallares puro sangue de corridas.—AVEIA INGLEZA, especial para cavallos de corridas.

End. Tel. "BERTADEL" LONDON

PEDIDOS E ENCOMMENDAS A

Martin Maddock's British

LIVE STOCK AGENCY LTD.

46, Victoria Street

—:— Londres —:—

ços, timão de madeira, roda guia typo B-6, com duas pontas de aço sobresalentes	115\$000	Cultivadores fabricante Avery, typo Planet Jr., modelo n. 2, com 1 pá trazeira typo A—8, pás la- teraes (enxadinhas typo colher para chegar terra), trazeira, 2 pás lateraes dianteiras typo A—3, 1 alavanca, roda guia . .	110\$000
Arado de aiveca fixa fabricante Ave- ry typo Cuban A—3 4"—8", dois braços, timão de madeira, roda guia, com uma ponta sobre- salente de aço	195\$000	Cultivadores do mesmo typo descri- pto modelo n. 12, porém com um parafuso envez de alavanca.	96\$000
Arado dito, idem, idem, typo A 1 1/2 —9" conforme descrição ante- rior	210\$000	Desintegrador proprio para milho com sabugo para fazer forra- gem para gado. Fabricante Fairbanks, typo "B" discos de 8", capacidade de 500 1000 ki- los, por hora, força necessaria de 6 10 H.P. effectivos, 500- 700 r. p. m.	800\$000
Arado de aiveca, reversivel, typo Wiard — 126 de 12 15" largura do corte por 5 8" de profundi- dade, 2 braços, timão de aço, com roda guia, fação, puxador ajustavel, centro de aço	250\$000	Enxadas jacaré c. 40 2	7\$600
Arado Meteor Gang, uma aiveca, fi- xo, typo com rodas, fabricante Avery, corte 12"	685\$000	Enxadas jacaré c. 40, 2 1/2	8\$000
Arado Gang, corte de 12"	815\$000	Enxadas jacaré, c. 40, 3	8\$300
Arado fabricante Avery, typo Bob Cat de 3 discos, paira animal, fixos. Disco de 24"	1:420\$000	Enxadas c 80 1 1/2	3\$800
Arado fabricante Avery, typo Bob Cat de 3 discos, para animal, fixos. Disco de 26"	1:480\$000	Enxadas c 80 2	4\$000
Arado fabricante Avery, para tractor com 3 discos, fixos. Discos de 26"	1:760\$000	Enxadas c 80 2 1/2	4\$600
Arado de disco reversivel	880\$000	Enxadas c 80 3	5\$000
Corrente ello curto 1 8, kilo	4\$500	Enxadas c 80 3 1/2	6\$000
Corrente ello curto 3 16, kilo	4\$600	Enxofre em bastões, sacco, kilo	\$600
Corrente ello curto 1 4, kilo	3\$900	Enxofre em bastões, pequenas quan- tidades, kilo	\$650
Corrente ello curto 3 8, kilo	2\$300	Enxofre flôr, caixa 50 kilos, kilo . .	\$950
Corrente ello curto 1 2, kilo	2\$200	Enxofre flôr, pequena quantidade, kilo	1\$100
Cultivadores fabricantes Avery, typo Planet Jr. modelo C—5", com 1 pá trazeira typo A—8 e 4 pás lateraes typo A—3, uma alavan- ca com roda guia	96\$000	Esticadores manivella, um	12\$000
		Esticadores moitão, um	15\$000
		Foices do Porto, limadas, 1, uma . .	2\$800
		Foices do Porto, limadas, 2, uma . .	3\$000
		Foices do Porto, limadas, 3, uma . .	3\$200
		Foices do Porto, limadas, 4, uma . .	3\$500
		Foices do Porto, limadas, 6, uma . .	4\$200
		Foices do Porto, limadas, 8, uma . .	4\$500
		Foices do Porto, limadas, 12, uma . .	5\$800
		Foices do Porto, limadas, 10, uma . .	4\$800
		Foices Mineiras, 35, uma	6\$000
		Foices Mineiras, 36, uma	7\$100
		Foices Mineiras, 38, uma	7\$800

JOSÉ PASTOR (Gravador)

Especialidade em clichés para theses medicas, trichromias, clichés para registro de marcas e patentes e clichés para trabalhos commerciaes.

RUA D. PEDRO 1º, 47-Loja
(Ant. Espírito Santo)

Phone Central 1201
RIO DE JANEIRO

Grampos para cerca, barril 50 kilos, kilo	\$780
Grampos para cerca, menor quantidade	\$900
Gomma arabica 1ª em sacco 100 kilos, kilo	4\$200
Gomma arabica II em caixa 30 kilos, kilo	4\$500
Gomma arabica II menor quantidade, kilo	3\$600
Gomma arabica, 2ª menor quantidade, kilo	3\$900
Molinhos de vento "Erven Challenge", com motor aperfeiçoado, trabalhando sobre mancaes de rollamento com lubrificação automatica, com torre de aço extra forte Standard, fortemente galvanizada, formada de 4 postes, tendo 36 pés de altura ou sejam 10 metros, e 98 em secções de 1m,85 para facilidade em sua montagem, com leque de 8" (2 m. 44) de diametro	1:350\$000
Molinho de vento "Erven Challenge", conforme acima descripto com torre de 36 pés de altura e leque de 10 pés de diametro (3m,05)	1:800\$000
Machados Collins estreitos 493 sort., duzia	118\$000
Machados Collins estreitos 495 sort., dszia	115\$000
Machados King largos 334 sort., duzia	95\$000
Plantadeira para milho manual	28\$000
Pedra hume, barril, 50 kilos, kilo	\$900
Pedra hume, menor quantidade, kilo	1\$100
Semeadeiras fabricante Avery Schawnee Jr. modelo IX com abridor de sulco typó A—2	220\$000

FORMICIDAS

Brasileiro e Guanabara

Em caixas de 2 ou 4 latas de 4 kilos, lata	12\$000
Em caixas de 2 ou 8 latas de 2 kilos, lata	7\$500
Em caixas de 2 ou 16 latas de 1 kilo, lata	3\$800
Em caixas de 2 ou 16 latas de 0,650, lata	3\$500

FORMICIDA INDEPENDENCIA

Em caixas de 4 latas de 5 kilos, caixa	65\$000
--	---------

DROGAS DIVERSAS

Adubo "Continental", tonelada cif Rio	500\$000
Bichromato de potassa, barril, 50 kilos, kilo	2\$900
Bickmorine — Unguento para curar feridas em animaes, lata 2 onças	3\$000
Cymarol para curar diarrhéas dos bezeros, 1 vidro 3\$500 — 6 vidros 19\$000 e 12 vidros	36\$000
Corantes para manteiga: para queijo	
Lata 1 litro	10\$000 12\$000
Lata 2 litros	18\$000 20\$000
Lata 5 litros	35\$000 40\$000
Coalho em pó Marahall, lata 100 grammas	12\$000
Carrapaticida Cooper:	
Lata de 1 litro	6\$500
Lata de 10 litros	60\$000
Lata de 20 litros	100\$000
Caixa 12 latas, 1 litro	70\$000
Especifico Mc. Dougall	
Lata de 1 kilo	5\$000
Caixa 100 latas, 200 grammas	145\$000
Lata de 200 grammas	2\$000
Caixa 50 latas 1 kilo	215\$000
Tambor de 5 litros	18\$000
Tambor de 10 litros	34\$000
Tambor de 25 litros	83\$000
Tambor de 50 litros	160\$000
Farinha de osso, sacco 50 kilos	30\$000
Fluido Cooper	
Lata, 1 litro	5\$000
Caixa, 12 latas, 1 litro	55\$000
Sal Glauber, barril, 50 kilos, kilo	\$340
Sal amargo, barril 50 kilos, kilo	\$470
Soda caustica, tambores, 350 kilos, kilo	\$900
Soda caustica, tambores 50 kilos, kilo	1\$000
Soda caustica, caixa 24 latas, caixa	32\$000
Sulphato de cobre, barril 50 kilos, kilo	1\$600
Sulphato de cobre, menor quantidade, kilo	1\$800
Sulphato de ferro, barril 100 kilos, kilo	\$500
Sulphato de ferro, menor quantidade, kilo	\$800

Sociedade Dinamarqueza Ltda.

(SUCESSORA DE THORVALD JENSEN & CIA.)

Especialistas em machinas frigorificas SABROE e machinas dinamarquezas
para lacticinios

A maioria das Usinas para
exportação de leite no Brasil
possue machinas frigorificas
SABROE



MARCA REGISTRADA

Sempre stock completo de
todas as machinas para a
industria de lacticinios.

Em montagem : Entrepoto dos Vaqueiros de São Paulo com a ca-
pacidade de 50.000 litros de leite por dia.

RIO DE JANEIRO

==== Rua General Camara, 102 ====

SÃO PAULO

RUA FLORENCIO DE ABREU, 82

BELLO HORIZONTE

514, RUA DE SÃO PAULO, 514

Adubos chimicos da marca afamada

“PROGRESSO”

para todas as terras e culturas

====
Sociedade Commercial Metallurgica S. A.

“SOCOMETA”

=====

Rua da Alfandega, 50 - 2º andar

RIO DE JANEIRO

Rua da Boa Vista n. 18 - 9º pav.º

SÃO PAULO

Telegrammas : SOCOMETA

O AGRICULTOR

Revista Bi-Mensal Agro-Pecuaria

Publicação da Escola Agricola de Lavras

Redactor
Oswaldo T. Emrich

Redactor-Gerente
Benjamin H. Hunnicutt

Gerente
João José da Silva

offerece um brinde valioso aos seus leitores.

Como se pôde obter um optimo relógio Suisso da afamada marca LONGINES

○ RELOGIO **LONGINES** que offerecemos trabalha em pedras, tem tampa dupla, caixa reforçada e mecanismo do melhor systema. Offerecemos relógios de nickel, de prata e folheado a ouro. Podiamos offerecer um artigo que nos ficasse mais barato, mas não queremos. Fazemos questão de que os nossos leitores recebam um brinde do qual possam, não somente ter orgulho, mas também ter a certeza de que é um relógio de confiança.



Mechanismo optimo trabalhando em pedras

Os grandes aviadores que empregam o **Longines**, assim o fazem porque elles precisam de um chronometro infallivel.



Tamanho natural

Offerta n.º 1—Para os que nos enviarem 6 assignaturas d'O AGRICULTOR por 3 annos, a 20\$000 cada uma, num total de 120\$000, enviaremos um relógio Longines de nickel, no valor de 80\$000.

Offerta n.º 2—Para os que nos enviarem 10 assignaturas d'O AGRICULTOR para 3 annos, a 20\$000 cada uma, num total de 200\$000, enviaremos um relógio Longines de prata ou folheado a ouro, no valor de 150\$000.

Aviso importante—As importancias devem acompanhar as assignaturas em vale postal ou ordem do Banco Hypothecario e Agricola do Estado de Minas Geraes, pagavel na sua agencia de Lavras.

Escrevei bem legivel os nomes e endereços dos assignantes, a vossa assignatura e endereço e indicae, no caso da offerta n. 2, si desejaes um relógio de prata ou folheado a ouro.

Esta offerta estará em vigor até 31 de Dezembro do corrente anno.

Os relógios serão enviados do Rio de Janeiro, pelo correio, registrado, com valor declarado ou entregues naquella praça, contra ordem do recipiente, visada por nós.

Correspondencia ao Gerente d'O AGRICULTOR
Lavras, Minas.

A Lavoura

REVISTA DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA
E DA CONFEDERAÇÃO RURAL BRASILEIRA

Distribuição
GRATUITA



TABELLA DE PREÇOS PARA INSERÇÃO DOS ANNUNCIOS

No texto	(1 pagina	180\$000)	Por vez
	(1/2 pagina	100\$000)	
	(1/4 pagina	50\$000)	
Fóra do texto	(1 pagina	150\$000)	Por vez
	(1/2 pagina	80\$000)	
	(1/4 pagina	40\$000)	
Na capa	(2	200\$000)	Por vez
	(3	200\$000)	
	(4	250\$000)	
Rodapés no texto	(c/0m,03 de altura .. .	30\$000)	
Reducção para contractos mediante auto- rização authenticada	(3 vezes	5 %)	Por vez
	(6 vezes	10 %)	
	(12 vezes	20 %)	

Publicações na parte editorial : annuncios
especiaes, em côr, contracto prévio.

FORMICIDA

INDEPENDENCIA

RECTIFICADA.

EMPREGADO COM RESULTADO

GARANTIDO NA EXTINÇÃO DAS FORMIGAS

SAÚVA.

EMPREGADO COM
GRANDE SUCESSO
CONTRA A

BROCA DO CAFÉ

E

EXPURGO DOS CEREJAES.

FABRICANTES

ALVES, MAGALHÃES & C^{IA}

RUA DE S. PEDRO, 91. ~ SOB. ~ RIO DE JANEIRO.



Que Alivio

Faça assim, Sempre assim

Muito sofre de Dôr de Cabeça quem tem o Estomago Doente.

Além da Dôr de Cabeça, o Estomago Doente causa também Dôres em outras Partes do Corpo.

Ha muitas pessoas que sofrem de inflamação do Estomago e não o sabem!

Por isto, quando tiver Dôr de Cabeça, faça assim: Ponha Duas ou Tres Colheres (das de Chá) de **Ventre-Livre** em Meio Copo de Agua e beba.

Verá: que Alivio!

Outro Alivio

Com o Estomago Cheio, depois de Comer ou Beber, sente-se muitas vezes grande Nervosidade e outros perigosos Desarranjos, Dôr de Cabeça, Arrotos, Azia, Tonturas, Preguiça, Moleza, Dôres em Diferentes Partes do Corpo, Dôres e incomodos no Figado, Colicas e Dôres de Barriga, Muita Sêde e Quentura na Garganta, Falta de Ar, Ancias e Vontade de Vomitar.

Às vezes, parece que temos Fogo e Brásas queimando dentro do Estomago, tão terriveis são as Pontadas e Alfinetadas, o Calor, a Ardencia e o Peso que sentimos!

É assim, desta maneira, que começam as verdadeiras ameaças de Congestão Cerebral, que é sempre muitissimo perigosa.

Não convem perder tempo, e depressa faça assim: Ponha Duas ou Tres Colheres (das de Chá) de **Ventre-Livre** em Meio Copo de Agua e beba.

Verá: que Alivio!

Mais tarde, por prudencia, tome mais Duas ou Tres Colheres (das de Chá) de **Ventre-Livre**.

Comece hoje mesmo a usar **Ventre-Livre**.

Olhe

Ventre-Livre Não é Purgante

Os Medicos sabem que os **Purgantes**, principalmente as **Aguas Purgativas**, os **Sáes Purgativos**, os **Pós Purgativos**, os **Xaropes Purgativos**, as **Capsulas Purgativas**, as **Tinturas**, **Pastilhas**, e **Pilulas Purgativas**, são todos **violentos irritantes** e, com o tempo, fazem piorar os Doentes, inflammando e causando Grande Mal aos intestinos, Estomago e Figado!

Ventre-Livre é um **Vigorizador Especial** das Camadas Musculares dos intestinos e exerce uma acção muito salutar sobre a Mucosa do Estomago e Funcções do Figado!

Por esta razão **Ventre-Livre** faz sempre Muito bem a todos os Doentes!

Use **Ventre-Livre** que os resultados serão esplendidos e garantidos! Tem Gosto Muito Bom!

Não Esqueça Nunca:
Ventre-Livre Não é Purgante